

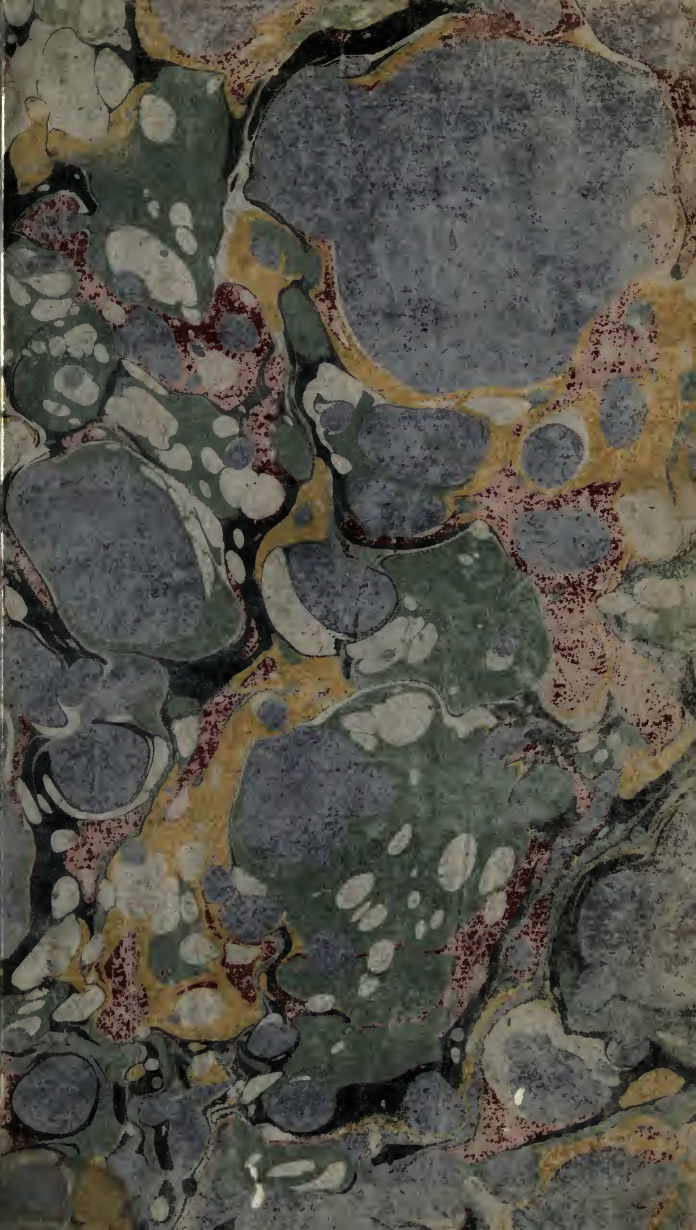


LIVRARIA ACADÊMICA
J. GUEDES DA SILVA
8, R. Mártires da Liberdade, 12
PORTO - PORTUGAL - TELEF. 25988

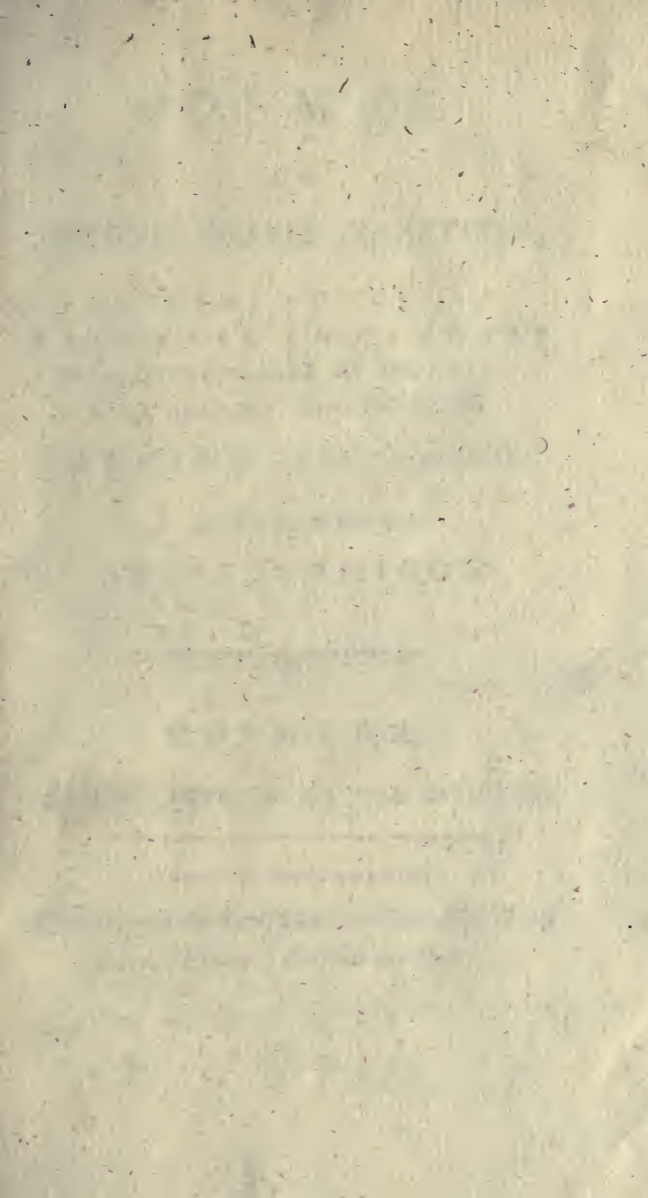
RB 160, 857



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
by
Professor
Ralph G. Stanton



4058





P O E M A S

D E

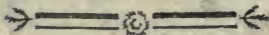
ANTONIO SOARES D'AZEVEDO,

N A T U R A L D O P O R T O ,
B A C H A R E L E M C A N O N E S
P E L A U N I V E R S I D A D E D E C O I M B R A ,
E N A A R C A D I A C O N I M B R I C E N S E

A L C I N O D U R I A N O .

D E D I C A D O S

A O S S E U S A M I G O S .



C O I M B R A :

N A R E A L I M P R E N S A D A U N I V E R S I D A D E .


A N N O D E M D C C L X X X X I I I I .

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame e Censura dos Livros,*

*Ante me d.º do ar.º de Coimbra
d.º de 1834*

... Securus famae, liber ire memento :
Nec tibi sit lecto displicuisse pudor.
Non ita se nobis praebet Fortuna secundam,
Ut tibi sit ratio laudis habendae tuae.

Ovid. Trist. lib. I. Eleg. I.



DEDICATORIA

AOS MEUS AMIGOS.

A Quem senão a vós , caros amigos ,
Dedicarei meus versos ? Vós sómente ,
Em meu favor ha muito previnidos ,
Podereis com bom animo acolhê-los.
São faltos d'arte , producções furtivas ,
Nascidos entre as magoas , e os trabalhos.
Não sou soberbo , reconheço as faltas :
Prompto as confesso , sem que o rosto cõre ;
Nada valem por si : valer só podem
Pela vontade grata , que os off'rece.
Em canto escuro há muito que jaziaõ ,
De pó cobertos , victimas da traça ;
Nem veriaõ já mais a luz do dia ,
Se a Fortuna cruel , que me contrasta ,
Me não forçasse agora a publica-los.

Naõ diga pois o Critico daninho ,
Que á luz os mostro , cubiçando fama.
De mim tanto não fio , que intentasse
A gloria grangear , que a poucos Genios

Se tem nos nossos tempos concedido.

Bastaõ fer versos para fer cortados.

Todos seu voto daõ , todos decidem :

Quer faibaõ , quer naõ faibaõ , pouco importa :

Qual o Vate crimina d'empoládo ,

— Porque a Pastora nos amênos campos

Naõ cõlhe as flores , que a manham rocía —

,, Ceruleo ! auri-crinito ! horrendo crime !

,, Nunca tal disse o Quita , nunca o Mattos. ,,

Qual , profundando astuto os pensamentos ,

Erros descobre , que naõ tem desculpa.

Largar o panno á lyra n'huma Ode :

Fazer hymnos voár do Pindo ao cúme ,

He offender em tudo o vero-fimil :

Quem vio lyra com véla , hymnos com azas?,,

Os Vates fallem como os Petimetres ,

Quando seduzem crédula Madama.

Frases coffadas , pensamentos frios ,

Com tanto que os suspiros naõ lhes faltem

— D' amante despresado , que alta noite ,

Em quanto o môcho geme d'huma balça ,

Conta aos eccos dos montes seus pesares , —

Os vivos roubaráõ da turba indouta :

Seus nomes guindaráõ da Gloria ao Templo.

Tais

Tais são , caros amigos , nesta idade
 Sobre huma arte divina os sentimentos.
 Lem-se os versos , que Horacio ao fogo déra :
 Queimaõ-se os versos só d'Horacio dignos.

Porem graças aos Ceos , que inda nos restaõ
 Almas sublimes , que illustrou o estudo ,
 Que sup'riores ao geral contagio ,
 De Grecia , e Roma o gosto inda conservaõ.
 D'aqui vêm , que inda Elyfia conta Elpinos ,
 Conta Filintos , Tirces ; e affombrada
 No seio vê da Athenas respeitavel
 Formar-se novos Cisnes , que ensaiando
 As mal-robustas pênas , tentaõ nobres
 Despregar algum dia o grande vôo ,
 Que estas Aguias famosas lhes marcáraõ.

Mas baste , não me taxe de suspeito
 Lingoa que espera occasião aos ralhos.
 Meu intento só he , nobres amigos ,
 Offertar-vos meus versos , em tributo
 Da justa gratidaõ que vos consagro.

Não busquei grandes nomes para ornar-lhes
 Em letra grande o inchádo frontespicio.
 Não gósto de queimar o meu incenso

Ante fantasmas de Grandeza esteril ,
 Que honrar-me , recebendo-o , julgariaõ.
 Sincero fou , e o rosto me corára ,
 Se alguem de lisonjeiro me culpasse.

Irá pois voffo nome em sua frente :
 Reconheça quem lêr minha homenagem ,
 Para que diga ,, Alcino teve amigos ,
 ,, Porem soube mostrar-se agradecido. ,,





P R E F A Ç A Õ .

A P O L O G O .

„ **Q**ue fructo não promette esta Pereira
„ Para o proximo Outono !

Affim disse hum colono :

E do int'resse levado , de carreira

Foi compra-la a seu dono.

Celebrado o contracto ,

Qualquer dos dois ficou bem satisfeito ,

Hum por julgar comprára affás barato ,

Outro que boa venda tinha feito.

O tempo foi correndo ,

E a miudo o colono a visitava :

E idealmente os fructos já colhendo ,

Estes vendia , aquelles reservava.

Eraõ em fim chegados

Os dias da colheita :

Convoca o lavrador os seus creados :

Qual trepa affima , qual escadas deita ,

Mas achão poucos pômos bem vingados.

Desespera o colono ;
Já pragueja a Pereira , já o Outono ;
E por vêr seu intento malogrado ,
A põe por terra a golpes de machado.
Mas inda a furia assim não faciou :
Voltou-se contra os pômos innocentes ,
Vingados , por vingar aos pés calcou ,
E rosnando , partio , por entre os dentes.

Mas outros lavradores ,
Que presentes acaço allí se viaõ ,
Bem longe d'aplaudir os seus furores ,
Mofando do successo , assim diziaõ.


„ Não há maior loucura !
„ Este colono he doido confirmado :
„ Se se achou enganado ,
„ Refarce assim o engano por ventura ?
„ Calcasse embora aos pés os mal vingados ,
„ Mas recolhesse os fructos fasonados. „

Tu agora , leitor , se te enganaste
Nos versos , que compraste ,
Na fabula reflecte ,
E aproveita a liçaõ , se te compete.

Vale.



ODE



ODE
ANACREONTICA.

§.

C Aliginosa nuvem
D'insoffridos pesares
Me abafa o coração , m' opprime o peito,

§.

Alça a negra Desgraça
O punhal fanguinoso ,
E compraz-se em cravar-mo nas entranhas.

§.

Meus ardentes suspiros
Da Dor nas longas azas ,
Rafgando os ares , vão cançar os Numes,

§.

Espavoridos fogem
Os timidos praferes ,
Cobrindo o rosto , á vista dos meus males.

§.

§.

Minha desdita cresce ;
E o sol c'o novo dia
Faz ante mim surgir novos defastres.

§.

Affeita a meus tormentos
A vaga fantasia
Fantasmas temerosos m' appresenta,

§.

Mal que raiar diviso
Ao longe frôxa esp'rança ,
Com maõ traidora o Fado ma desvia,

§.

Ah! Marilia , Marilia !
A quanto obriga a ausencia
A aquelle coração , que ama devéras !

§.

Sim meu Bem , quão diverso
Me vejo desse dia ,
Em que ao teu lado vi rir-me a Ventura !

§.

§.

Ah ! quanto satisfeito
Avido então bebia
Esse doce veneno , que me mata !

§.

Bem que então o Vendado ,
Occulto nos teus olhos ,
Contra mim disparasse ardentes fétas.

§.

Contente expunha o peito
Aos penetrantes golpes ,
Que hiaõ gravar-te dentro de minha alma.

§.

Por bem pago me dava
Só com tocar-te a furto
As niveas mãos nas rapidas chorêas.

§.

Que amorosos transportes
Calavaõ por minha alma ,
Quando ajustado canto aos Ceos mandavas!

§.

§.

N'hum extase de gosto ,
Pendente dos teus labios ,
Hum Ceo d' Amor no peito m' entranhavas.

§.

Ventura lisongeira ,
Inconstante Ventura ,
Qual nevoa matutina dissipada !

§.

Eu vi (com quanta pena !)
Expirar meus praferes ,
Victimas tristes , entre as mãos do Fado.

§.

Preceito irresistivel ,
Alçando a voz severa
Chamou-me : obedeci , parti calando.

§.

Ah ! meu Bem , se eu pudesse
Traçar-te fielmente
A imagem triste da partida infauſta.

§.

§.

Se os ternos sentimentos
Do meu saudoso peito ,
Tais , como os eu senti , pudesse expor-te

§.

Quem sabe fim quem sabe
Se á minha infeliz fórte
Filhas da compaixão lagrimas déras !

§.

Quem sabe Mas que penso !
Desventurado Alcino ,
Prendar-te Amor não quer com tanta dita.

§.

Marilia , por quem chóras ,
Tem junto do seu lado
Quem te rouba avarento os seus affectos.

§.

Não , de ti se não lembra ,
E se se lembra acaço
Póde ser seja só para o desprezo.

§.

§.

Deixa pois vãos cuidados :

Suffoca teus suspiros :

Morre d' amor embora , mas calado.





O D E
ANACREONTICA.

§.

POr mais protestos , que faças ,
 Cômigo não te acreditas.
 Não jures , que falso juras :
Sacrilegios não repitas.

§.

Sim Fileno , se algum dia
 Teus votos acreditei ,
 Abri os olhos , ingrato ,
Os teus perjurios já fei.

§.

Amas Armenia talvês ,
 Porque tem huns olhos bellos ,
 Sem se te dar de que Alcina
Por tua causa arda em zelos.

§.

§.

Mas se a Armenia deu benigna

Graças mil a natureza :

Vê , Fileno , que a constancia

Nem sempre he dom da belleza.

§.

Quem he prudente não ama

Só brilhantes ext'riores ,

Porque tambem a serpente

Se occulta por entre as flores.

§.

Se d'Armenia os tenros annos

Te fazem ser-me traidor ,

Recêa que andando o tempo

Cresção annos , falte amor.

§.

Dirás talvez , que d' inveja

He que contra Armenia fallo ;

Sim Pastor , tenho-lhe inveja :

He verdade , não to calo.

§.

§.

Porem não lhe invejo as graças
De caduca perfeição ,
Porque vale mais do que ellas
O meu nobre coração.

§.

Eu só lhe invejo a ventura ,
Que teve de te agradar ,
Que te fez faltar-me á fé ,
E o meu amor desprezar.

§.

Mas ingrato os Deoses teme ,
Por quem me juraste amor ,
Lá brama o trovaõ que esperas?....
Foge ao raio vingador.

§.

Sim cruel , sempre a inconstancia
Foi dos Ceos aborrecida :
A historia nos mostra exemplos
De traições pagas co' a vida.

B

§.

§.

Quem te obrigou a adorar-me ?
Porque fé me protestavas ,
Se faltar aos sanctos votos
Já falso premeditavas ?

§.

Procurei-te ? ah ! que tu foste
Quem tantas vezes chorando ,
Me pediste , que te amasse
Os meus receios deixando.

§.

Oxalá que eu désse ouvidos
A's vozes do coração ,
Que hoje , ingrato , não vivêra
Entre os braços d' afflicção ?

§.

Dirás talvez que bem pôdes
A nós ambas adorar :
Que engano ? Amor avarento
Não quer partilha no amar.

§.

§.

Naõ quero amor dividido ;
Que esse amor amor não he ,
Quem pôde partir paixões
Dá provas de pouca fé

§.

Em fim , meu Bem ; abre os olhos :
Presta ouvido ao teu dever ;
S'és honrado , deixa Armenia ,
Vem teus protestos encher :

§.

Vem , que eu inda sou a mesma :
Que hei-de amar-te , juro ao Céu ;
Que he só teu meu coração ,
Assim fôra o teu só meu.

M O T E.

Da sagrada Amizade os doces laços.

S O N E T O.

HE tempo emfim , já basta de loucura :
Abraõ-se os olhos atéqui vendados ,
D'Amor se quebrem os grilhões pesados :
Salve-se a vida ao pé da sepultura.

Sim Marilia infiel , huma perjura
Naõ he credora já dos meus cuidados.
Devo á Razaõ , e devo aos Ceos sagrados
A victoria da minha desventura.

Já mais procurarei invios desterros ,
Onde ao fom dos grilhões dos presos braços ,
Vá chorar da paixãõ culpaveis erros,

Já na vida terei ledos espaços ,
Succedendo d'Amor aos crueis ferros
Da sagrada Amizade os doces laços.

O D E
A N A C R E O N T I C A

A O Sr. FRANCISCO DE PAULA
DE FIGUEIREDO,
Bacharel em Canones.

*J'aime; et le nœud fatal d'un hymen assouvi
Enleve a mon amour celle qui m'a ravi.*

D'Espî. Let. 7. a Mr. Deprats.

P Alemo , ah meu Palemo ! quem diria ,
Que o meu coração fôrte ,
Em que Amor vio mil vezes despontar-se
As venenosas frechas ;
Que com desdoiro seu baldou valente
Os amorosos tiros
Dos olhos bellos das gentiz Marfisas ,
Das Lillas , das Tircêas ,
Em que punha o cruel certa a cadêa
Da minha liberdade ;
Ah ! quem diria que taõ brevemente
Se renderia ao jugo ?

Foraõ teus olhos , Marcia encantadora ,
 As armas poderosas ,
 De que Amor se valeu pár'esta empreza,
 Foi teu rosto engraçado
 Quem fêz que succedesse no meu peito
 Devoradora chama
 Da minha indifferença ao antigo gelo.
 Meu coração, que outr'ora
 Via animoso o rosto da desgraça ,
 Que sup'rior a tudo
 No meio dos desastres conservava
 Doce tranquillidade ,
 Já sabe estremecer , quando te avisto ,
 E palpitar ancioso :
 Já sabe aos Ceos mandar queixas cortadas
 De magoados suspiros.
 Quaõ bem , tyranno Amor , estás vingado
 Da minha resistencia !
 Ufano arvóra pois troféo vaidoso
 A'custa dos meus males
 Ah! se a minha desdita esta só fosse
 Venturosa desdita
 Aprende , Amigo , a perfida vingança
 Do Deos sanguinolento.
 O caro objecto , por quem morro , e vivo ,

Com

Com vinculos sagrados
Tem seu peito ligado a outro peito.
Quiz o cruel Vendado
Em minha alma atear chama sacrilega ,
Por tirar-me dest' arte
Até de ser ditoso as esperanças.
Que cadêa de males
Me não forjou ! Aonde encontrar posso
Remedio a tantos damnos ?
Nada vale a razão , pois cede á força
Da chama impetuosa ;
Té nella mesmo encontro hum incentivo
De maiores tormentos.
Se aos pés pudêsse ao menos da que adoro
Desafogar meus males :
Pintar-lhe ao vivo com tocantes côres
Meus amantes transportes ;
Fazer soar enternecidas queixas ,
Que o peito lh'abrandassem ;
Talvês que entre os pesares me raiaffe
Hum dia de ventura.
Mas ah ! duro respeito , a quanto obriga
Hum peito generoso !
Cruel pudor a boca m'afferrolha ,
É a condemna ao silencio.

O' tres e quatro vezès venturosos
 Effes , que livremente
 No fogo dos transportes dizer pódem
 A'quellas , por quem penaõ ,
 O que a paixãõ amante lhes inspira !
 Embora os naõ attendaõ
 As crueis , caprichando d'insensiveis
 A's amorosas queixas ,
 Que ao menos achaõ nellas desafogo
 A's penas , que supportaõ.





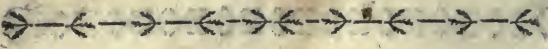
SONETO.

HE certo, ó Lilia, emfim que me deixaste,
E que dos meus carinhos t'esqueceste,
Que tantos juramentos, que fizeste,
Sem pudor do perjurio quebrantaste?

Ah! quem diria, quando m'abraçaste,
Quando o sentido adeos triste me deste,
Que já traçavas terminar com este
Lance d'amor o amor, que me juraste!

Mas não importa; o Ceo justo, e clemente,
Que emfim se condeu do meu destino,
M'extingue pouco a pouco a chama ardente.

Faze o teu gosto: adora o teu Josino:
Que eu acharei mais Lillas facilmente,
Mas tu talvez não aches outro Alcino.



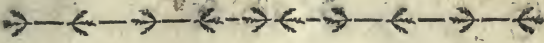
SONETO.

Qual tenro passarinho , aventureado ,
Rôta a cruel prisão , em que vivia ,
Canta a victória , cheio d'alegria ,
Dos tremulos raminhos pendurado :

Qual o captivo , misero soldado
Há pouco escapo ás mãos da tirannia ,
Mostra , esquecendo os males d'algum dia ,
Os rôxos pulsos , e o grilhão quebrado :

Tal eu , falsa Marilia , satisfeito
De sacudir o jugo desumano ,
Em que tanto soffri por teu respeito ,

Decantando a victória , ostento ufano
As rôxas f'ridas do rasgado peito ,
Curadas pela mão do defengano.



CANTIGA.

*De que me servem sem ti
Os bens , que a fortuna dá ?
Sem ter nada vive o pobre ,
Mas sem ti quem viverá ?*

G L O S A .

I.

QUE importa que da Ventura
Eu no regaço nascesse :
Que aos meus pés sempre tivesse
Prêsa a Fortuna , e segura ?
Que importa , ó Lilia perjura ,
A grandeza , em que nasci ?
Se os teus carinhos perdi ,
Se por outro me desprézas ,
Tantos bens , tantas grandezas ,
De que me servem sem ti ?

II.

Algun dia , em que eu julgava
 Hum terno amor em ti vêr ,
 Só para tos off'recer ,
 He que estes bens estimava.
 Mas ah! quanto m'enganava ,
 Perjura , contigo já !
 Foste-me falsa : oxalá
 Que á tempo te conhecera ,
 Muito embora entãõ perdera
Os bens , que a fortuna dá.

III.

Sim , perdera os bens contente ,
 Se o meu descanço ganhára ,
 Inda que entãõ mendigára
 Entre a mais remota gente.
 O Ceo , que he justo , e clemente ,
 Sempre azilo aos bons descobre.
 Constante minha alma nobre
 Soffrêra entãõ a indigencia ;
 Que nas mãos da Providencia
Sem ter nada vive o pobre.

III.

Porem já que a fôrte irada

Fêz baldados meus disvélos ,

A vida á força dos zelos ,

Vou perder , ó Lilia amada.

De balde a razao me brada ,

Que a razao não oiço já.

A morte , meu bem , porá


Limite ao meu desprafer ;

Bem sei , que custa o morrer ;

Mas sem ti quem viverá ?

Antonio e Bachaca
da Silva e Ferreira

1841




SONETO.

AH Marilia, Marilia! quem dissera,
Que os extremos d'amor, que praticavas,
Eraõ a capa, com que rebuçavas
Hum coração perjuro, huma alma fêra:

S'amar-me não querias, para qu'era
Esse doce carinho, que mostravas?
Para que eterna fé me protestavas
Em tantos vótos, que oxalá não crêra?

Ah! cruel, cumpre os votos d'algum dia:
Teme dos Deoses a vingança dura,
Testemunhas da tua aleivõsia.

Mas não: culpa não teins em ser perjura,
A culpa eu tive em crer-te, pois sabía,
Que mãis mente a mulher, quanto mais jurava.



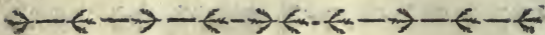
S O N E T O.

SE abri os olhos , se curei a f'rida ,
Que abrira no meu peito o Deos tiranno :
Se no templo do sancto Desengano
Deixei a vil cadêa suspendida.

Tua inconstancia foi , Lilia fingida ,
Quem me fêz conhecer o meu engano.
Graças aos Ceos , no meio do meu damno
Veio a amiga razão salvar-me a vida.

Mil frases meigas traze a campo embora ,
Que huma vês que entendi teus fingimentos ,
Fôra loucura sujeitar-me agora.

Faze mil vótos , mil promettimentos :
Já nada creio ; porque emfim traidora
Sempre são de mulher teus juramentos.



ODE

ANACREONTICA.

NAõ te cances , minha Anarda ,
Que eu não desisto jágora
De nutrir por ti no peito
D'amor chama abrazadora.

Como nos sacros altares
D'Amor te jurei firmeza ,
Hei guardala ; que os homens
Saõ firmes por natureza.

Vai muito embora aos meus olhos
O meu rival abraçar :
Deixarei de ser feliz ,
Mas nunca de te adorar.

Os mimos , que lhe fizeres
Não gelarão meu cuidado ;
Que o ciúme irrita amor
No peito d'hum namorado.

Há de crescer meu affecto ,
 Como crescer teu rigor ,
 Que sempre os desdens das Bellas
Forão fermento d' amor:

Desengana-te meu Bem ;
 Que por fim has de ceder ;
 Pois dá tanto ágoa na pédra ;
Que a faz amollecer.





ODE

A SCIPIAÕ AFRICANO.

*Hac arte Pollux, hæc vagus Hercules
Innixus arces adtigit igneas.*

Horat. L. 3. Od. 3.

P Allida Roma consternada treme ,
E suspirando envia humildes votos
Nas crespas nuvens do sagrado incenso
Ao Numen das batalhas.

§.

Entre tanto o Leão da Lybia ardente
Lhe arrimã ás portas vingativo braço ;
Os quicios quebraõ , estremece o muro ,
Ruína ameaçando.

§.

Joven Heroe , affrontador de medos ;
Unico esteio da nutante Patria ,
O escudo abraça , e a lança sopesando
Vai arrostar a Morte.

§.

§.

Torvo Cometa no abrazado Estio
 Não géla tanto os animos voluveis
 Do rude vulgo , pavidos sonhando
 Imminentes desastres.

§.

Por entre as mèsses das contrarias lanças,
 Da Patria a gloria á vida preferindo,
 Impavido se arroja , e põe por terra
 O que diante topa.

§.

Instando vibra a vencedora espada,
 E ao crebro rebater dos golpes duros
 Saltaõ dos elmos feitos em pedaços
 Sentelhas luminosas.

§.

Naõ d' outra fórte na officina ardente
 Nas incudes sonóras rebatiaõ
 Armas a Marte , raios ao Tonante
 Arregaçados Brontes.

§.

Ruínas chove o braço procelloso :
Pende-lhe a Morte da talhante espada ;
D' espedaçados corpos se divisaõ
Juncadas as campinas.

§.

Da testa os loiros d' Hannibál soberbo ,
No Trebia , e Trasimeno em vão colhidos ,
Inda fumantes do Romano fangue ,
Arranca denodado.

§.

Defta arte ufano as já vencidas Aguias
Fêz dar vôo soberbo ao Capitolio ,
Das Tirias cadêas resgatadas
Com affombro do Mundo.

§.

Na septi-cole Roma já revôa
A grande acção , que o jugo lhe quebrára ,
O esposo abraça a esposa , a mãe o filho :
Ferve o povo nas Praças.

§.

§.

Lá da Cidade as portas se franqueaõ ;
E das vencidas tropas precedido ,
Affoma ao Capitolio o Heroe augusto
Em carro auri-soberbo.

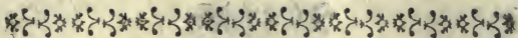
§.

Entre festivos gritos , nos altares
Offerta aos Deoses invejados loiros :
Penduraõ-se os troféos , e o Templo geme
C' o peso dos despojos.

§.

Affim remonta Scipiaõ valente
Ao magestoso alcáçar da Memoria ,
Deixando eterno o respeitavel nome
Nas trombetas da Fama.





S O N E T O .

TEu rosto , amada mãe , he mui formoso ,
(Hum dia a Venus disse o Numen cego)
He gentil , engraçado , eu não to nego ,
He o prazer de Jove poderoso .

Por elle arde Mavorte , o Deos furioso ,
Que em guerra abraza á terra, e o falso pégo :
Elle torna as discordias em socego
No congresso dos Deoses magestoso .

Mas cara Mãi perdôa , Alcina bella
Tanto t' excede em face delicada ,
Quanto o esplendor do sol qualquer estrella .

Se d' Ida na contenda decantada
Chegasse taõ gentil Páris a vê-la ,
Lhe déra Páris a maçã doirada .



CANTIGA.

*Quem quizer ser bem querido
Naõ se mostre affeçoado ;
Que o affecto conhecido
Esse he o mais despresado.*

GLOSA.

I.

SE a todos he natural
Amar a quem nos quer bem ,
E fugír sempre de quem
Só procura o nosso mal ;
Se abraçada huma lei tal
Té pelas féras tem sido :
Ah ! Mariçia , attento ouvido
Prestando á vós da razaõ ,
Deve usar de gratidaõ ,
Quem quizer ser bem querido.

II.

A gratidão tal poder ,

Tanta força em si contém ,
Que fáz que nos queira bem ,
Quem nos quer aborrecer.

Par' exemplos não trazer ,

Meu Bem , do tempo passado ,
A exp'riencia tem mostrado ,
Que quem quizer amadores ,
A sem-razões , a rigores

Não se mostre afeiçoado.

III.

Destes dictames sagrados ,

Marilia , a prova sou eu ;
Pois bem que te désse o Ceo
Mil amaveis predicados ,

Nem teus olhos engraçados ,

Que settas dão a Cupido ,
Nem teu rosto appetecido ,
Nada teve mais poder ,
Para ao jugo me render

Que o affecto conhecido.

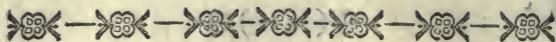
III.

Sim , conheci teu amor ,
E logo , por fer-lhe grato ,
Entrei no amoroso trato
Sem receio , sem temor.

Ah ! praza aos Ceos , que em rigor
Não veja esse amor trocado !
Tem , Marilia , hum peito honrado ;
Vê não diga o Mundo agora ,
Que aquelle que mais te adora ,

Esse he o mais despresado.





ODE

DO Sr. FRANCISCO DE PAULA
DE FIGUEIREDO.

Bacharel em Canones.

..... *Multa petentibus*

Defunt multa.....

Horat. L. 3. Od. 16.

SE huma vida passar disaborosa
Em guardado recinto nauseoso ,
Defêso a passa tempos ,
Sõe , Alcino , chamar-se infelicidade :

§.

Se para bem na vida aventurar-nos ,
De mercante Cidade populosa
Releva entre o bulicio
Ouvir em brando leito as alvoradas :

110

§.

§.

Se he preciso além d'isto vêr povoadas
De Cruzes , e de Quinas vencedoras

As côvas algibeiras :

Quem mais infeliz , que eu , chamar-se deve !

§.

Quais batem successivas martelladas
Na elastica bigorna , alti-sonante

De Ferrador affiduo ,

Tais me batem na mente estas lembranças.

§.

Já desde curta idade affeito a valles ,
Temo a montes subir aventureiro :

Nem subirei em quanto

Quédas , que hei visto dar , não m' esquecerem.

§.

Razaõ , santa razaõ , tu dentro n' alma
Destemida coragem m' encerraste ,

Com que as paixões recháço ,

Que em taffalhos fazer-me o peito intentão.

§.

Sempre dellas foi nobre o vencimento.
 Se dellas em batalha atrós triumpho ,
 Laurêa-me a virtude ,
 E por premio me dá ventura eterna.

§.

Já mais foi o lugar quem fêz ditosos.
 Quantas vezes nas lóbregas masmorras
 A sã Filosofia
 Fáz risonho o semblante acabrunhado ?

§.

No coração do homem por Deos mesmo
 A planta da Virtude está disposta ;
 E venturoso o homem ,
 Que a soube cultivar com mãos de mestre.

§.

Se abrazadas paixões , que em torno assópraõ ,
 Da louca sem-razaõ esporeadas ,
 Naõ chegaõ a cresta-la ,
 Viçosa vem a ter medrança egregia.

§.

§.

Alegria , e Ventura unidas andaõ ,
Terás d' huma alegria verdadeira
A possessão segura ,
Quando fôres feliz , Alcino amado.

§.

Eu vivo só , sem trafegos , sem mimos ,
Sem recreios , sem loiras valiosas ;
E comtudo , se durmo ,
D' alegria nos braços adormeço.

§.

Pouco desejo , pouco me contenta.
Quem prende com grilhões de affronta indigna
Ao cepo da paciencia
Os mortais corações , he o Appetite.


§.

Nossos longos desejos temerarios ,
Que além vão remontar-se do que he justo ,
São quem metem no peito
Agudas afflições , tristonhas magoas.

§.

Naõ d' outra fórte discorria Castro ,
Quando em Cintra os asperrimos penedos
Faziaõ cerca estreita
A seus regrados , limpidos desejos.





ODE

EPODICA

A' LISONJA.

Por occasiã da precedente.

Bene est, cui Deus obtulit

Parca, quod satis est, manu.

Horat. L. 3. Od. 16.

MUltiforme Protêo , Lifonja infame ,

Que tantas testas curvas

Ante idolos doirados , pêso inutil

Na miseravel terra ;

Tu não governas nos honrados peitos ,

Onde livres de nuvens

Sacro-santa Razaõ luzes espraia.

Dê lá tẽ affasta irosa

Imparcial Virtude , em cuja dextra

Brilha a tremenda espada ,

Da mentira , e verdade estremadôra.

Vai-te sentar vaidosa

Nos canapês faustosos dos validos ,

Onde

Onde faças alardo
 Dos teus succintos , placidos venenos.
 Lá defvelada estuda
 Brilhantes expressões , lindas chimeras ,
 Com que enfunes os peitos
 De soberbos Magnates , que caprichaõ
 De lhes pulsar nas vêas
De trinta avós o sangue ennobrecido ,
 Nelles degenerado.
 Vai-lhes aos pés queimar com mão profana
 Deslumbrador incenso :
 Semêa-lhes de flores os caminhos :
 Os corações lhes ganha ,
 Teus gestos aos seus gestos amoldando.
 Ou , se melhor te agrada ,
 Procura soberbaõ , nedio Prelado ,
 Que á sombra dos altares
 As pacificas rezes tosquiando ,
 Gasta os reditos pingues
 Em baxelas , festins , coches , cavallos.
 Amanhece-lhe á porta ,
 E de envolta co' a turba dos req'rentes ,
 Callejada a paciencia ,
 Ondêa ante pintado reposteiro
 N' ampla sala d' espera ,

Por vêr se o bom Prelado , por honrar-te ,
 Te lança a furto os olhos ,
 Quando falta do leito , e corre á mêsa :
 Faze fala ao Mordomo :
 Brinda-lhe o Secretario , e os mais Eunuchos ,
 Té que desça a suáda
 Nomeação de rico Beneficio ,
 Ao merito roubado ;
 Que entre nûas paredes langue ignoto
 Por falta de Padrinho.
 Quem se contenta com regrada mêsa :
 Quem não ambiciona
 Grandeza esteril de soberbo vulto ;
 Menos preza as fadigas ,
 Porque vilmente compras lindos nadaes ,
 Mão grado da Virtude.
 Tu não verás amigos da verdade ,
 Seguindo a tua escóla ,
 Assiduos tornear os dinheirosos ,
 Nem dobrar o joelho
 A apocrifos brasões , vendidas Cruzes.
 Súem Menas , Sejanos
 Por mascarar os vicios dos Augustos :
 E ao brilho da Privança
 Sobre impuros altares sacrificuem
 A verdade amargosa ;

D

Mas

Mas, não verás nos Paços d' Alexandre ,
 Com enfiados gestos ,
 Diogenes austéro affadigado
 Andar a fazer côrte
 A' mentida progenie do Tonante :
 Nem sahir-lhe ao caminho ,
 Quando chêo das palmas do Oriente
 Monta soberbo carro ,
 Para insultar os miseros vencidos ,
 Entoando-lhe os vivas.
 Ao flagello do Mundo assim diria
 O nobre solitario.
 „ Mais rico sou , que tu : vivo contente ,
 „ Porque nada desejo ,
 „ Ao tempo que tu chóras por mais Mundos ,
 „ Hydropico de fangue.
 „ Rei qual és , és hum homem do meu barro :
 „ Nem me fascina o lustre ,
 „ De que céga Fortuna quíz ornar-te.
 „ Brilhantes accidentes
 „ Aos olhos da razão Heroes não fazem :
 „ Se o Mundo os aprecia
 „ No theatro da vida , he cégo o Mundo :
 „ Acaba-se a Comedia ,
 „ E eclipsadas as pompas , resta o homem.
 „ Desgraçado d' aquelle ,
 „ Que

„ Que nos bens da fortuna firma a gloria !

„ Nascer os vê hum dia ,

„ E o mesmo dia os leva á sepultura.

„ Só caminha seguro ,

„ Quem satisfeito com sustento parco ,

„ Nos braços da virtude

„ Póde em páz consumir fugazes dias.

„ A Grandeza sem ella

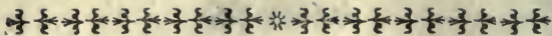
„ He hum fantasma vaõ , que o sol dissipa.

„ Affôma a eterna noite ,

„ E quem viveu d' enganos não grangêa

„ Impavida memoria.





O D E
E P O D I C A.

Donec eris felix , multos numerabis amicos ;

Tempora si fuerint nubila , solus eris.

Ovid. Trist. Lib. 1. Eleg. 8.

QUando a Fortuna fausta me surria ,
Volvendo a instavel roda
No plano , que traçavaõ meus desejos ,
E aos pais leda velhice
Nas Mercurias fadigas promettia :
Curvados me saudavaõ
Homens de grande vulto , e profiosos
Se disputavaõ todos
D' Amigos meus o respeitavel nome.
Quem teve mais Amigos ?
Este me enchia de promessas grandes ,
Porque julgava incauto ,
Que de as cumprir meus bens o dispensavaõ :
Aquelle , mais astuto ,
D' ante mão estudando-me a linhagem ,
Sonhando parentescos ,
Parente lateral s' intitulava.
Hum m' enviava attento

Naõ

Naõ custosos presentes , que rendiaõ

Ufura avantajada :

Outro , assiduo ao meu lado , me cumpria

Caprichosas vontades :

A tanto obriga o brilho da Fortuna

A peitos mercenarios !

Mas defandou-me a rôda , e a não pujante ,

Que as ondas retalhava ,

Levando vento em pôpa em mar bonança ,

Nublando-se o Orizonte ,

Defatados os ventos em rajadas ,

Desconhece o Piloto ,

Abre o costado , e nas oppostas rôchas

Fáz misero naufragio.

Entaõ foi que eu bradei pelos Amigos :

Supplices mãos erguendo ,

Pela primeira vez roguei piedade ;

Mas seguros no porto ,

Espectadores frios do naufragio ,

Nem salvadora taboa ,

Para escapar ás ondas , me arrojáraõ.

A braços com a Morte

Largo tempo me vi. Surgi na praia

Só c'o as molhadas vestes ,

Tristes reliquias do passado estrago.

Fui-lhes bater ás portas ,

Mas

Mas não me conheceraõ , que a desgraça ,
 Mundando-me a fortuna ,
 Mudança fez tambem no meu semblante.
 O que mais me magôa ,
 He ver que muitos , que o seu lustre devem
 A' dextra bem feitôra ,
 Que esmola grata agora lhes supplica ,
 Voltando o rosto ingrato ,
 Do passado esquecidos , nem ao menos
 C' hum *salve* me contentaõ.
 Tu foste , honrado Alcino , quem no meio (a)
 Da imprevissta tormenta ,
 Alçando mão propicia , desviaste
 O derradeiro golpe ,
 Com que a Desgraça a frente me assombrava ;
 Sim , foraõ teus desvelos
 Quem no meio do curso de Minerva
 Os passos me firmáraõ.
 Tambem tu , bom Licino , desta gloria (b)
 Ganhaste grande parte :
 Recebeste-me em casa compassivo :
 Foraõ meus os teus lares ,

Co-

(a) O Sr. Doutor Antonio José Monteiro, meu parente.

(b) O Sr. Luiz Paulino d' Oliveira.

Conhecendo entre as sombras da penuria
O focio dos teus brincos.
Os Ceos vos paguem tantos beneficios.
E em quanto o peito grato
Doces auras da vida me alentarem ,
Cantados em meus versos
(Se tais chamar-lhes posso) eternamente
Sereis , caros amigos.
São versos o meu pobre patrimonio ;
E graças ao meu Fado ,
Que o plectro me salvou d' entre os azáres ,
Com que em horas gostosas
Possa entoar em honra dos Amigos
Não comprados louvores.



O D E
E P O D I C A. (*)

. Medonho monstro,
A cuja vista as Musas espantadas,
Largando os instrumentos, s' escondêraõ
Largo tempo nas grutas do Parnaso.

Hifop. Cant. 1. v. 29.

G Alerna me não sopra já de Cirrha
 2ª Aura verfejadora,
Embotcu-se aquelle estro, que algum dia
 Inveja dando aos Zoilos,
Sobre as robustas azas m' elevava
 Ao cume do Parnaso,
Aonde o Pai dos Vates m' incendia
 A mente em fogo sacro,
Mandando-me canções alti-sonantes
 A' boca atropelada.
Em vão meu genio agora desvalido,
 (Lendo nos Lufos fastos
Os feitos grandes dos Heroes terriveis,
 Já no berço do dia

As

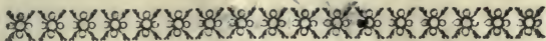
(*) Fix esta Ode, quando me aprestava para o Exame da Geometria.

As Quinas arvorando vencedoras
 Sobre arrasados muros ;
 Já fulminando vingadora espada ,
 (Por desviar o jugo ,
 Imminente da Patria ao regio collo)
 Sanguinosas ruínas ,
 Immenfa morte , envolta nos estragos
 Das Iberas phalanges)
 Em vão pertende , retalhando os ares ,
 Salvar do turvo Lethes
 Os nomes grandes dos Pachecos fortes ,
 Dos Castros , e dos Nunos.
 Qual Aguia annosa , a quem roubára o tempo
 As voadoras pennas ,
 Se para discorrer a usada rôta ,
 Aos ares s' abalança ,
 Por mais que adeje , as forças empenhando ,
 Sempre humilde rasteja.
 Em vão das nove Irmans , do fulvo Apollo ,
 Nas aras impollutas
 Queimo devoto incenso , e sacrificio
 Propiciadoras rêzes ;
 Em vão lhes mando sobre as pandas azas
 Dos rapidos Favonios
 Ardentes votos , sempre acompanhados
 De frustrados queixumes.

Hum

Hum dia , em que dobrei as minhas preces ,
 Dobrando as offerendas ,
 Já condóidos , em rosada nuvem ,
 Que os ventos sustentavaõ ,
 Sobre mim vinhaõ com risonho aspecto
 Encher-me de favores.
 Prostrado em terra , trasbordando em gosto ,
 Os votos redobrava ,
 Desvanecido de baixarem Numens
 A honrar-me o aposento.
 Affoma em fim á porta o côro augusto :
 Para entrar-se prepára ;
 Eis-que divisa na despida mêza
 Aberto o gordo Euclides ,
 E nelle as nigromancias enfadonhas
 De baralhadas linhas :
 Gritaõ as Musas , e volta Apollo o rosto ,
 E consternados fogem.





ODE

DO Sr. FRANCISCO DE PAULA
DE FIGUEIREDO
Bacharel em Canones.

*Frangere miser calamos vigilataque praelia dele,
Qui facis in parva sublimia carmina cella;
Ut dignus venias bederis & imagine macra:
Spes nulla ulterior.*

Juven. Satir. 7.

A Onde a mira pões , a que alvo apontas,
Quando lanças a mão da penna inutil,
E no teu quarto , desfattento Alcino ,
Com as Musas conversas ?

§.

Que Sybilla enganosa te predisse ,
Que havias , profiando em tal trabalho ,
Ver entre as trevas da penuria opaca
Amanhecer hum dia ?

§.

§.

D' era , e loiro as fantasticas corôas
 Não fazem rico o fato , lauta a mêsa ,
 Nem presta para nada ter de Vate
 O titulo sem rendas.

§.

Que montava correr junto de Stacio ,
 Para ouvi-lo cantar , toda a Cidade ,
 Se a fome , que d' applausos não faz caso ,
 Os ossos lhe roïa ?

§.

Desventurado officio , infeliz arte ,
 Quão louco he quem te aprende , e faz alarde
 De levar manfo nas escôlas tuas
 Rijas palmatoradas !

§.

Só ganhamos do vulgo murmurante
 Ser a fabula , o odio : desditofos
 Escravos arrastados do Desprezo
 Pelo triunfante carro.

§.

§.

Verdade , Alcino , seja que os teus versos
Vaõ viçosos brotando as lindas asteas ,
Plantados pelo estudo , e consagrados
De Cirrha á Divindade.

§.

Mas pouço verás tu , se tu não vires
Dos Zoilos o daninho formigueiro
Soffregamente atassalhar os tenros
Verdejantes renôvos.

§.

Nada escapa ao furor destes malditos.
Urzes humildes , orgulhosos cedros ,
Bem que máo grado , as torquezadas provaõ
Do despeitoso dente.

§.

De melhor condiçãõ seraõ teus versos
Qu' os dos sabios Filinto , Alfeno , Elpino ?
Pois d' Elpino , Filinto , e Alfeno os versos
A' praga não fugiraõ.

§.

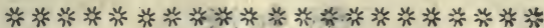
§.

Naõ só eu te aconselho , que em teu campo
Co' as agoas d' Aganippe os teus não regues .
Mas até que as raizes desde o fundo
Cordato lhes arranques.

§.

Entaõ , segundo alguns , loucos mais veros ,
De louco despirás a veste immunda ,
Recebendo entornado em teu tegurio
O corno d' Amalthêa.





O D E

Em resposta á precedente.

*Se os Pastores do Menalo sagrado ,
Se os loureiros d'Arcadia
Os meus versos escutaõ , os meus versos
Me sepáraõ do vulgo ;
Na testa cingirei livre d'inveja
D'era frondente crôa.*

Garção Od. 19.

A Guce embora o dente navalhado
Zoilo daninho , que escarnece as Mufas ,
Em defabono seu defate embora
A lingua atassalhante.

§.

Cubra de mófas o noviço Vate ,
Que Horacio folheando anhela os loiros :
Nem ás Aguias perdõe , que soberbas
Entre as nuvens se perdem.

§.

Surja a Penuria das Castalias agoas ,
 Sobre os filhos d' Appollo o manto estenda :
 Torne-se em Hospitais o Capitolio ,
 E os loiros em cyprestes.

§.

Nada me aterra : não desvio o Genio
 Da começada róta ; e venturoso
 Se naufragando eternizar meu nome
 Nas taboas do meu lenho.

§.

Para formar-me a sabia Natureza
 Não consultou nem Zoilos , nem Fortuna ;
 Fes-me inclinado a versos , farei versos :
 Raive a Fortuna , e os Zoilos.

§.

Sigo o meu gosto : nelle tenho o premio
 Das fadigas , que tem quem segue Horacio.
 Dize agora á Fortuna , e ao mordáz Zoilo ,
 Que venha arrebatá-lo.

§.

§.

Bem fei ; que s' eu pudesse a alma orgulhosa
 Dobrar á servidaõ dos Lifongeiros ,
 E fazer cõrte aos tumidos Magnates ,
 Que arrotã fidalguias ;

§.

Affiduas barretadas , comprimentos ,
 Ou narizes de cêra , bem guindados ,
 Quatro fumaças de venal incenso
 Privanças m' attrahiraõ.

§.

Talves que viffe entã na vasta mêsa
 Carregadas as finas porçolanas
 D' exquisitos manjares , com dispendio
 Dos pobres affilhados.

§.

Mas fêz-me a Natureza d' outro barro ;
 Em fél me tornaria estas delicias
 A só lembrança , de que o Mundo rindo
 Ao dedo me apontára.

E

§.

§.

Completa-me os desejos frugal mêsa :
Servem-me as taças ledos Regosijos :
Daõ-me entre ellas a lyra Amor , e Baccho :
Fogem negras tristezas.

§.

Entaõ já do Vendado as traveçuras
Cantando exponho ás Marcias , e ás Licóres ;
Já da fanta amizade o prazer puro
Confagro nos meus versos.

§.

He , bom Palemo , entaõ que m' abalanço
A discorrer a róta , que me traças ;
Nas desgarradas folhas da Sybilla
Bebo altos misterios.

§.

Ao Léthes roubo os nomes respeitaveis
Dos Heróes , fieis sempre aos Reis , e á Patria ;
Entro no alcáçar do Futuro ignoto ;
Dou Princezas á Lyfia.

§.

§.

Envolto em nuvens , subplantando os Orbes ,
Bem me importa que mofe , ou raive o Zoilo ;
Cynthia rege o feu carro , e em vaõ lhe ladra
Atrevido cachorro.

§.

Turba inexperta pafme , abrindo a boca ,
Em vafta praça , em torno d' hum Bugio :
Encha de vivas , encha de dinheiros
O Charlataõ aftuto.

§.

Naõ he defta , que o Vate exige applaufos.
Naõ tem voto n' huma arte , que he divina ,
Caterva eftulta , que fõ foi creada
Para applaudir vilagens.

§.

Feliz eu , meu Palemo , fe almos Cysnes ;
Que do Lyfio Permeffo as agoas crufoõ ,
Os colos levantarem , para ouvir-me
Nas raizes do monte.

§.

Se entãõ , batendo as azas , aprovarem
Os versos , que descanto sobre a Lyra ,
Terei ao menos quem me plante loiros
Em torno do sepulcro.



❁ ❁

M O T E.

*Quando vou entre os penedos
Meus ternos ais espalhar,
Tê os echos me respondem,
He bem feito, torne a amar.*

G L O S A.

I.

POr vêr se posso abrandar-te,
Já que ingrata me desprêfas,
Minhas amantes finezas
Eu vou, ó Lilia, narrar-te,
O mar córto, por fallar-te,
Em batel fraco, entre medos:
Ferro os oppostos rochedos:
E a não ter mais que levar,
As Lapas corro a apanhar,
Quando vou, entre os penedos,

II.

Depois atravéſſo o prado

Já de noite , e me affadigo ,

Té que fallar-te configo

Nos ferões , mas disfarçado.

Se me moſtras deſagrado ,

Volto , mas a fufpirar ;

E he taõ grande o meu pezar ,

Que as meſmas féras ſentiraõ

Meus males , s' ellas m' ouviraõ

Meus ternos ais eſpalbar.

III.

Mas ſe ordena o cégo Deos ,

Para augmentar-me a afflicãõ ,

Que naõ poſſa vêr-te , entãõ

Fórmõ queixas contra os Ceos.

Louco , (julgando que aos meus

Teus excessos correfpondem)

Já quando as 'ſtrellas s' eſcondem ,

Por ti chamo , ſoluçando ,

Mas tu naõ reſpondes , quando

Tê os echos me reſpondem.

III.

Deixei os meus companheiros ,
 Com quem brincava algum dia :
 Com elles á pescaria
 Não vou há mezes inteiros.
 Saõ elles , Lilia , os primeiros
 Que de mim oiço mofar :
 Já lhes não dóe meu pezar :
 Dizem ,, Glauco he mentecato ;
 ,, Que importa soffra tal trato ?
 ,, He bem feito , torne a amar.



MADRIGAL.

N' Huma tarde do Estío , fatigado
Dormia Alcino á sombra d' huma faia :

Eis-que alli chegá Olaia ,
De quem andava há muito namorado.
Vendo-o em somno profundo sepultado ,
Tece hum festaõ de juncos presurosa ;
E amarrando-lhe os braços cautelosa ,
Escondeo-se n'hum sitio , accomodado.
Para observar a scena graciosa.

Desperta Alcino em tanto ,
Esperguiçar-se quer , mas não podendo ,
Nota as prisões dos braços com espanto ,
O auctor da travessura não sabendo.

Olha , indaga , examina ;
Mas como nada atina ,
Sólta Olaia fugindo huma risada ,
E Alcino , em quanto a segue, assim lhe brada.
„ S'em prender-me , meu Bem , tanto te apuras ,
„ Porque me prendes com taõ debeis laços ?
„ Espera : vem prender-me com teus braços ,
„ Que elles seraõ cadêas mais seguras.

O D E

O D E

E P O D I C A

Ao Sr. J. F. M. M.

Un ami sûr est un présent des Dieux ;

Je l' ai dans toi,

D' Espi. Ep. 2. a Mr. Deprats.

A Despiedados golpes succumbindo
Máis-que-ousado Mancebo ,
Mordendo a terra , em negro fangue envolta
Vomita a ferós alma ,
Que immatura descendo á fatal riba ,
Alta vingança pede.
Mas não tarda a vingança. Em vão te escoltao
Aterradoras filas :
Em vão s' oppõem a Niso denodado
Açacalados ferros :
Segando iroso d' huma , e d' outra parte
Emplumadas cabeças ,
Já pende sobre ti , audás Volscente ,
O derradeiro golpe ;
Seu fangue se confunde com teu fangue :
Mas não lhe pesa a morte ,
Por

Por ter , morrendo , o gosto d' escutar-te
Os ultimos arrancos.

Tempos ditosos , que aflombrados viste
Prodigios d' Amifade ,

Da eternidade ao seio ah ! quaõ depressa
Correstes a 'sconder-vos !

Fostes doirados tempos : ferreos dias
Depois amanheceraõ ,

E o Mundo hoje lamenta as fans virtudes,
Que comvosco levastes.

Desertáraõ da terra os bons costumes ;
E se nella inda móraõ ,

He nas pobres cabanas dos Pastores ,
Nas ferras affastadas ,

Onde de quando em quando echo repeço
O nome d' Amifade ,

Quando em sincero canto os Pegureiros
Desprendem seus louvores.

Pôs seu throno a Lisonja nas Cidades :
Fazem-lhe assidua cõrte

Doblesas , e Perjurios , arrastando
Versicolores vestes.

Ah ! quantas , quantas victimas infauftas
Sangrentaõ seus altares ,

Impios altares , pelo Int'resse erguidos,
E que a razaõ condemna !

Sim ,

Sim , bom Josino , a mestra Experiencia ,
 A' custa dos meus damnos ,
 Me tem estas verdades ensinado .
 Quando eu fui venturoso
 Contava amigos , tinh' os ao meu lado .
 D' atenções , e cortejos
 Ninguém mais rico foi , se são riquezas
 Chimeras passageiras ,
 Mas onde estão agora estes amigos ?
 A' sombra semelhantes ,
 Que ao lado vemos só quando o sol raia :
 Ecclipsada a Fortuna ,
 Nas trevas da penuria me deixaráo .
 O justo Ceo quizera ,
 Que exemplos mais no Mundo se não vissem ;
 Mas ah ! que em toda a parte
 Oiço queixumes demandar anciosos
 Bem mer'cidas vinganças .
 Este se queixa por haver nutrido ,
 A' custa do seu sangue ,
 Doloso monstro , que entonando o côlo ,
 A fama lh' atassalha ;
 Aquelle chora a vida , que lhe arranca
 Amigo refalsado ,
 Que a máscara tirando , nas entranhas
 Lhe crava ingrato ferro , To-

Todos , caro Josino , todos clamaõ :
 E faõ tantos os crimes ,
 Que se o Tonante fosse a castiga-los ,
 Té creio faltariaõ
 Azuis coriscos , raios crepitantes
 A' dextra vingadora.
 Mas virá tempo , Amigo, em que lhes pese
 D' amontoar maldades ,
 Porque nem sempre os Numes saõ de bronze
 Aos ais dos desgraçados.
 Feliz eu entre tanto , bom Josino ,
 Que posso comprazer-me ,
 De ter em ti achado hum puõo amigo
 Da forte em menos-cabo.
 Teus saõ meus gostos , teus os meus pezares.
 Santa Razaõ t' ensina ,
 Ensina-te a Virtude , que os humanos
 Iguais nasceraõ todos ;
 Que naõ saõ bens caducos , que enobrecem
 Huma alma generosa ;
 Que 'a brilhante fortuna he dom dos Numes ,
 Que empregar-se naõ deve
 Em sub-plantar os miseros humanos ,
 Que gemem na desgraça ;
 Que he só Heroe quem sabe usar bem della.
 Assim Tito fazia , Assim

Affim fazia Augusto , affim Mecenas ,
E aquelles , cujos nomes
No Templo da Memoria á sombra jazem
Dos granjeados loiros.



AS MINHAS SAUDADES.

Basta , monstro cruel , impia saudade ,
Basta d' atormentar-me.

Inda meditas nova crueldade ?
Inda para rasgar-me o peito anciado ;
Alças ferós punhal enfanguentado ?

§.

Ai de mim ! Justos Ceos ! que tristes dias
Neste retiro passo !
Negra nuvem de feras agonias
Sobre a minha cabeça abaffa os ares ,
E me derrama n' alma mil pezares.

§.

Por veredas remotas fugir vejo
Minha doce Ventura :
Os passos impedir-lhe em vão desejo ;
Porque p'ra mim olhando horrorifada ,
O rosto volta , e foge apresurada.

§.

§.

O' dia , infeliz dia lacrimoso ,
 Em que deixei a Patria ,
 Na carreira dos annos , horroroso
 Para mim tens de ser , em quanto a vida
 Me conservar a Parca defabrida.

§.

Que horror ; que ar venenoso aqui respiro ,
 Cercado de tormentos !
 Ah ! não suspira mais , do que eu suspiro ,
 Nauta infeliz nos mares engolfado ,
 Da carinhosa esposa separado.

§.

Vinde enchugar o pranto , que derramo ,
 Vinde caros Amigos
 Mas ai triste de mim ! de balde os chamo ;
 Aos meus suspiros echo só responde ,
 Que avara mão do Fado mos esconde.

§.

Mal haja aquelle , que inventou primeiro
 Enganadoras honras ;
 Este mais do que o cego aventureiro ,
 Que arrisca a vida ao mar sempre inconstante ,
 Tinha o peito de bronze , ou diamante.

§.

§.

Quanto custais , ó honras malfadadas ,
Appetecidas sempre ,
Mas raríffimas vezes alcançadas !
Ah ! que a não ser d' obter-vos o desejo ,
Nos males me não vira , em que me vejo .

§.

Nos braços dos Amigos reclinado ,
Vivêra entãõ gostoso ,
Lifongeiros praferes tendo ao lado :
Doces horas a Paz me fiaria :
Alegre nascer vira , e pôr-se o dia .

§.

Ah ! quando chegarás tempo gostoso
Do meu contentamento ,
Em que possa apertar terno , e amoroso ,
Do nosso affecto renovando os laços ,
Os sinceros Amigos nos meus braços ?

§.

Mas que montão de dias dilatados
Deve correr primeiro !
Oh ! se fossem mais brandos os meus Fados
Se o Tempo aos meus desejos attendêra ,
Quão depressa este dia amanhecera !

§.

§.

Então deixando os campos do Mondego ,
Que engróssô com meu pranto ,
Onde vivo faudofo , e sem focego ,
Azas minha alegria me prestára ,
Com que do Doiro as margens demandára.

§.

Mas infeliz de mim ! torres no vento ,
A' fôrça da saudade ,
Levanta errado o solto pensamento ;
Que o Tempo , fúrdo ás vozes d' hum queixoso ,
Naõ altera o seu curso vagaroso.

§.

Cedamos pois ao Tempo , que algum dia
Findará meu desterro.
E em quanto entre o pesar , entre a agonia
A vida ' passo aqui nestes retiros ,
Aceitai , bons Amigos , meus suspiros.



SONETO.

Quando penso, Marilia, que ha-de a Morte,
Negra filha do Averno, despiedada
Alçando a cruel foice recurvada,
Descarregar em mim o fatal corte:

Quando penso em romper-se o laço forte,
Com que minha alma á tua está ligada:
Afflicto, a face em lagrimas banhada,
Então aos Ceos exclamo desta sorte.

Piedosos Ceos, se he certo que quebrados
Hão-de ser desta vida em breve os laços,
Motivando ao meu Bem mortais cuidados:

Ah! consenti que em tão crueis espaços
Ou ao Lethes desçamos abraçados,
Ou que eu a vida exhale entre os seus braços.

ODE
PINDARICA

A' IMMACULADA CONCEIÇÃO
DA SS. VIRGEM,
Celebrada pela Arcadia Conimbricense.

*Tes pieds victorieux écraseront la tête
De l'horrible serpent.*

Rouffeau Epod. 4. Part.

ESTROFE I.

N Aõ vou beber do limpido Permeffo
As agoas fabulosas
Para cantar a gloria deste dia.
Larga enchente d' idêas magestosas
Me entorna sobre a ardida fantasia
Mão invisivel , mão omni-potente
Do respeitavel Ente ,
Que apenas desprende a vóz fagrada ,
Fês Mundo , e Estrellas rebentar do Nada.

ANTISTROFE I:

Longe , longe de mim , Vates profanos ,
 Que manchais sem vergonha
 D' arte sa grada os nobres resplendores.
 Da Lisonja vertendo a atróz peçonha ,
 Prostituíz as lyras nos louvores
 D' Heroes , que fundação sua heroicidade ,
 Com dor d' Humanidade ,
 Sobre montões de corpos retalhados ,
A' barbara Ambição sacrificados.

E P O D O I.

Batendo as azas d' oiro
 Sóbe o meu Hymno á região dos ares ,
 Qual sóbe o fumo do abrafado toiro
 Por mão devota em supplices altares.
 Lá vai beijar-te os pés , ó Virgem pura ,
 Em quanto o Côro Angelico s' humilha
 Ante o Deos , de que és Mái , Esposa , e Filha.

ESTROFE II.

Perdera o Pai primeiro a immensa dita ,
 De que no Edén gosava ,
 Do Creador rebelde ao sacro mando.

Desde esse dia a Morte divagava
 Aquí e alí , soberba o cólo alçando ,
 Com vóz tremenda á consternada terra
 Sanguinolenta guerra
 Declarando feróz , segando vidas ,
 Na detestavel quéda compr'endidas.

ANTISTROFE II.

Gemia na miseria a raça humana :
 E os males de mãos dadas
 A' profia huns a outros succediaõ.
 As entranhas do Averno franqueadas
 Devoradorãs chamas despediaõ.
 E atropellando o Damasceno barro
 No triunfante carro
 Filho das trevas , Crime detestavel ,
 Fazia a humana perda irreparavel.

E P O D O II.

Fraudulosa Serpente ,
 Negro Monstro do Averno , sim tu foste
 Quem , seduzindo o Pãi da humana gente ,
 Derramaste no Mundo a Infernal hoste.

Tu

Tu as Empireas portas lhe fechaste ,
 D' huma credula Mãi roubando á raça
 Fecunda enchente de nativa graça.

E S T R O F E III.

Que importa que em castigo do attentado
 Te condemnasse o Eterno
 A arrastar sobre a terra o vulto enorme ?
 Bem que a Tonante Mão do Ceo superno
 Vibrasse sobre ti raio tri-forme ,
 Que a infame espece em turbilhões de fogo
 Te sepultasse logo ,
 Acafo este castigo merecido
 Igualaría o damno recebido ?

A N T I S T R O F E III.

Mas que harmonia Angelica s' escuta !
 No abafado Orifonte
 Qual lûz rompendo as trevas já s' espalha !
 Lá mostra a Aurora a pudibunda fronte :
 Rasga-se o Ceo , e sobre a terra orvalha.
 Já de Jessé o tronco alto , e frondoso
 Renôvo precioso
 Fausto fecunda , e quasi defencerra !
 A cuja sombra ha de acolher-se a terra.

E P O D O III.

Profetas respeitaveis

Que a rara maravilha em sombras vistes ,
 Rompeu-se o véo : ah ! não vos enganaveis
 Scego annunciando ás Nações tristes.
 He este o dia , o dia suspirado ,
 Em que livre de mancha concebida
 A Virgem foi , ha tanto promettida.

E S T R O F E IIII.

Oh : como furibundo o Monstro horrendo
 Que os ferros nos forjava ,
 Os ares atroando lá sibila !
 Entona o colo , e ardendo em furia brava ,
 Nos olhos vivo fogo lhe scintila.
 Espuma., encrespa as conchas reluzentes ;
 E os venenosos dentes
 Voltando contra si , a cauda esgrime ,
 E a terra geme , que açoitando opprime.

A N T I S T R O F E IIII.

Embora silva , raiva munto embora
 Seductor fraudulento ,
 Do pé , que ha de esmagar-te , já presago.
 'Stá prestes a raiar no firmamento . Pro-

Propicia Estrella , do teu reino estrago ,
 Porque isenta da sombra desgraçada ,
 Em que foi sepultada
 Pelo culpado Pai a humana raça ,
 Será fonte da Luz da Vida , e Graça.

E P O D O IIII.

Mas do abraçado peito
 Que insolito furor se m' apodéra !
 Por terra o enorme pêso cai desfeito ,
 Que me detinha na terraquea esféra.
 Espirito sou todo. O espasso immenso
 D' hum só golpe trans-ponho do futuro ,
 E estranho Sol lhe rasgo o manto escuro.

E S T R O F E V.

'Alma vérga co' pêso dos mysterios ,
 Que em rapida carreira
 Huns a outros se vão atropellando.
 Lá ergue a testa em florida ribeira
 Candido Lirio , o ar embalçamando.
 Lá do Libano desce ah ! quaõ formosa
 Matrona respeitosa ,
 Que os raios do Sol tem nas tranças bellas ,
 Cingida a frente de milhões d' estrellas.

ANTISTROFE V.

Nos braços trás recém-nascido Infante ,
 Cujos meigos sorrisos
 Verte Justiça , e Paz na terra afflicta,
 He Redemptor do Povo , que indeciso
 Mal pôde crer ainda tanta dita
 Mas que madeiro s' ergue nesse monte ,
 D' onde perenne fonte
 De graça e vida borbulhando mana
 Sobre a sedenta geração humana !

E P O D O V.

Eis hum prodigio novo !
 Sub-plantada a garganta á negra Morte ,
 Em quanto se confunde o ingrato povo
 Remonta aos Ceos brilhante Varaõ forte.
 O carcer' se franquêa tenebroso ,
 Em que os lassos fieis Proto-parentes
 Gemiaõ sob asperrimas correntes.

E S T R O F E VI.

Em brilhante esquadrão todos s' elevaõ
 A's moradas celestes ,
 Decantando a faustissima victoria.
 Palmas empunhaõ , trajaõ brancas vestes :

Só vêm , só falaõ , só respiraõ gloria.
 E do Tres-vezes-sancto o Nome Augusto ,
 Entre sagrado fusto ,
 Curvando as frentes , supplices entôaõ ,
 E as celestes abóbadas atrôaõ.

ANTISTROFE VI.

Gemem nos eixos no estrellado Olympo
 As portas diamantinas ,
 E á multidaõ triunfante se franqueaõ.
 Aureos thronos de bases cristalinas
 Com 'stranhado fulgôr relampagueaõ.
 E cantando em louvor do Deos propicio
 Sacro-sancto Epinicio ,
 Os almos Genios , Cortesãos sagrados
 Os Captivos abraçaõ resgatados.

E P O D O VI.

A multidaõ confusa
 Lá s'engolfa em gostosa eternidade
 Mas onde vôas indiscreta Musa ?
 Pertendes escrutar a Divindade ?
 Ah ! treme , treme : tanto não te he dado.
 Baste d' arrojo , Musa , por agora ;
 Dobra os joelhos , e em silencio adóra.

DYTHIRAMBO

RECITADO EM HUMA DAS NOITES,
EM QUE OS ALUMNOS D'ACADEMIA

CONIMBRICENCE

SOLEMNIZAVÃO A FELIZ GRAVIDAÇÃO

DE S. A. REAL

A SERENISSIMA SENHORA

D. CARLOTA JOAQUINA,

PRINCESA DO BRASIL.

*Quel Dieu propice nous ramene
L'espoir que nous avions perdu ?*

.....
.....
*N'en doutons point, le Ciel sensible
Veut réparer le coup terrible,
Qui nous fit verser tant de pleurs.
Hâtez-vous, ô chaste Lucine,
Jamais plus illustre origine
Ne fut digne de vos faveurs.*

Jean. Bapt. Rous, Od. 1. Liv. 2. Tom. 1.

TRADUÇÃO.

*Que Deos propicio guia nos nossos láres
A perdida esperança ?*

.....
.....
*O Ceo quér reparar d'enternecido
O golpe defastrozo,
Por quem veriêmos (crede-o) tanto pranto,
Casta Lucina, acòde ;
Que nunca mereceu o teu auxilio
Progenie mais illustre.*

Francisco Manoel.



DYTHIRAMBO.

D Esenvolvendo o manto recamado
De nitidas estrellas ,
Sentada em carro d'ebano , passeia
Soberba a Noite a regiaõ dos ares.
As cegas trevas , que fieis vassallas
Em torno espreitaõ mudas seus accenos ,
Mal que estende o seu braço ,
Lá nos confins da terra mil Cidades
Embrulhaõ presurofas.
E as sonoras , pallidas procellas ,
Mal que lh'apraz , correndo furiosas ,
Crescendo em grosso rôlo , abafaõ prestes
Os limpos Orifontes.
Já rasga as nuvens tortuoso raio :
Já nas cavernas das remotas ferras
Rebomba horrendamente o troyaõ rouco.
Das erguidas montanhas
Despenhaõ-se estalando enchentes grossas
D'amontoadas agoas : E

E os rudes troncos , as immanes penhas ,
Que tanto tempo os evos insultaraõ ,
Rodaõ d'envolta , miseravel jogo
 Dos cachões montanhosos.

Sob humilde tugurio consternado
Teme o Colono a' horrida prócella ,
 E chóra inconsolavel
As trabalhadas messes , que alagára
 Despiedado chuveiro ,
Vendo nadar ao lume da corrente
As doces esperanças da Conforte
 Dos filhos desvalidos.

Mas que importava a furia das tórmentas
 Ao Vate de Venosa ,
Quando sentado á mesa , e os bons Amigos ;
Via ferver frequente em taças mestras
 O gabado Sabino ,
E o rubido Falerno , pai dos risos ?
 Ao retinir dos copos ,
Repetidas faudes revoávaõ :
 E os servos do banquete ,
Já fatigados de arrazar as taças ,
 Tinhaõ nova tarefa ,
Quando o nome d'Augusto resoava.

E quem nos véda , Amigos , fermos Flaccos ?
 Affole embora o congelado Inverno
 As consternadas terras com chuveiros :
 Sobre os nossos telhados se condencem
 De tremedora neve erguidas ferras :
 Ao través do negrume d'Orifonte
 Crebros fuzilem rapidos coriscos ;
 Que se Lencu nos escudar os peitos ,
 Ao rigor d'Estação faremos cara.

Eia pois , bom Elpino , as taças enche :
 Povôa a mesa d'esquadrões de copos ,
 E o vasto cangiraõ põe bem no meio ,
 General vigilante , que refforce
 As arranjadas tropas ,
 Quando se virem no calor da guerra
 De fangue exhaustas , postas em derrota.

Ferva nas taças
 Almo licor ,
 Que he pai das graças.

Que alegre dia !
 Ouvi , humanos ;
 Aos Lusitanos

Doce esperança
Da segurança
Do Regio throno
Dá grato o Ceo.

Longe a Tristeza
Dos nossos lares :
Aos mansos ares
Hymnos mandemos :
O Ceo louvemos ,
Já que tal dita
Nos concedeu.

Longe de nós , Diôgenes fombrios ,
D'hum austéra virtude pregoeiros ;
Nem sempre aos filhos da long-eva Pyrrha
Se véda hum loucura :
Dias festivos pedem brindes lautos.
Ah ! quanto he doce aquartelar no peito
Hum Deos , que agita o sangue congelado ;
Que dardejando o thyrsô ,
Faz que surjaõ nas mentes embotadas
Mil turbilhões d'idêas decorosas ,
Dignas desses Heroes , que as cem trombetas
Da Fama omni-vagante
Aos afastados evos transmittiraõ !

El-

Elpino , dá-me esse copo ;
 Que encerra nobres idéas ;
 Atêe-se em minhas vêas
 Do sancto Bromio o furor :

Perturbar nossos mysterios
 Não venhais , homens profanos ;
 Lá vai , Principes sob'ranos ,
 Ao fructo do vosso amor .

Desgraçado Pentheu , impio , blásfemo
 Discorre ancioso a Regia profanada :

Treme o palacio c'os raivosos gritos ,
 Que nas aureas abobadas embatem .

Livido o rosto , os olhos fuzilantes ,
 Dadas ao vento as desgrenhadas tranças ,

As vestes fluctuando ,

Ululaõ feras , e incançaueis correm
 Com descompostos passos Ino , e Agave :

Lá lhe travaõ das crines eriçadas :

Lá no peito sacrilego lh'embebem

Vingadores punhais do Nume irado .

De negro sangue fumegantes rios

O pavimento alagaõ :

E os miseraveis membros

Recem-despedaçados

Mostraõ , tremendo , aos pallidos Thebanos
O quanto pode hum Nume , a quem profanaõ
Os sagrados mysterios.

Mais vinho , ó tardo Elpino , anda ligeiro ;
Enche tres taças , serve-mas por ordem.

Em teu applauso ,
Alta Princeza ,
Co' alma accesa
Em Patrio zelo ,
Hoje a primeira
Quero esgotar.

Caro Principe , a segunda

A ti dedico rev'rente.

Se clemente.

As minhas homenagens acertâres ,

Ver-m'-ha o Mundo ,

Chêo d'espanto ,

Em melhor canto ,

Inda algum dia

Teus grandes feitos

Eternizar.

A terceira a ti confagro ,

Doce esp'rança suspirada.

Cedo vingada
 Par'alto abono
 Do Luso throno
 Entre mil vivas
 Te chegue a vêr:

Se os Ceos me derem
 Esta alegria ,
 Da Companhia
 Todas as pipas
 Dentro do peito
 Hei-de meter.

Do trovejante Jupiter soberbos
 Menos-cabando os raios crepitantes ,

Impios Gigantes ,
 Filhos da Terra ,
 Em brava guerra ,
 Que os Ceos aterra ,

Oufados pondo ferra sobre ferra ,
 O sacro Olympo irosos escalavaõ ,
 E peito a peito os Deoses atacavaõ.

Em vaõ Marte , e Minerva instando vibraõ

As lanças fulgurantes ,

Que rochedos constantes

Os animados montes resistindo ,

Afferraõ maõ dos Ceos , e vaõ sobindo.
 Pallida treme a cerula morada ;
 Eis que 'spirando fogo , abrindo as fauces
 Carrancudo Leaõ , rugindo horrendo ,
 Sacode as jubas , e arremete ousado.

Leva nas garras
 Rôxas entranhas :
 E ávidas fanhas
 Inda nutrindo ,

Redobra a furia , e infaciavel rasga
 Membros immensos , que o pavor congela.
 Lá cai por terra a mole assustadora

Mas que força invencivel
 Da terra me levanta ,

E a começada historia m'interrompe !

Eu sentado n'hum carro pampinoso !
 Ceos ! que horrorosos monstros ! feis Panteras ! ...
 Que velozmente corro ! Hum mortal póde
 Discorrer livremente o reino aereo !
 Mas eu naõ sou mortal : Baccho endeusou-me ;
 Com elle empunho o sceptro das parreiras.
 Aos Ceos m'eleva. Ah ! vinde , correi todos ,
 Devotos do bom Baccho , vinde ver-me
 Bacchanal Faetonte , mas sem quéda.

Adeos

Adeos mortais ; já toco o sacro Olympo :

Vou c'os Deoses beber neectar divino.

Milhões de Sois errantes me precedem

Na defusada róta ;

E entre as torrentes d'ondeado fumo ,

Que horrendos brotaõ Bacchicos Ethontes ,

Saltaõ frequentes nitidas estrellas ,

Que aos olhos se me furtaõ.

Mas baixa á terra o portentoso carro ,

E subito relampago s'esconde.

Que estranhezas que eu vejo !

Que immensa praia solitaria , e nua !

De rubicunda face hum Sol estranho

Gira pacato o concavo emisferio.

D'aqui brama raivofo hum mar vermelho ,

Que ao longe c' Orifonte se confunde :

E em demanda da praia

Crescendo marchaõ montanhosas ondas ,

Que nas oppostas rochas pont-agudas

Roucas batendo , horrendas s'espedaçãõ.

Mas que confusa Armada ao longe alveja ,

E pouco a pouco aos olhos se descobre !

Qualhado o mar de nadadores lenhos ,

Geme ante as prôas , que sustenta a custo ;
 E entre o fragor das ondas se percebe
 A nautica celeuma.

Mas Ceos ! não são navios , não : são pipas ,
 Que sobre os pandos bojos amontadas
 Vem transportando mil garridas Nymfas ,
 Mil Satyros cornutos.

Ah ! que prazer ! Que leda comitiva ! ,
 Aquella he Danopea , aquella Aglaura ;
 A que sobraça as vestes he Crinaura :
 Aquella he Samodóce , aquella Orgya :
 Esta he Frosina , aquella he Orithia ;
 Aquella Ay ! que tremenda alta montanha
 Lá vem surcando as ondas , que s'acurvaõ !
 Adamastor no meio das Bacchantes !
 Mas enganei-me ; he Baccho , o grande Baccho ,
 Que monta oufado
 Affortunado ,
 Agigantado ,
 Almo tonel.

A leda turba á terra salta ovante ,
 E a praia occupa ao som d'alegres sistros.
 Brotaõ sob os seus pés almas parreiras ,

Que

Que abraçando-se , formaõ denço bosque ,
Aos Bacchicos mysterios confagrado.

No centro s'ergue hum throno magestofo ,
De bem dispostas pipas construido.

Sob docél de pampanos recentes ,
Em que os rôxos racemos s'estaõ rindo ,

Sentado empunha o Deos viti-comado
Ufano o thyrsõ , á face dos Dynastas.

O throno escoltaõ remendados Tigres ,
Que a vóz do feu Senhor mudos aguardaõ .

Mas lá brama hum trovaõ , 'stremece o bosque :

E nas azas dos ventos transportados ,

Rapidos rolaõ dois toneis soberbos ,

Que feros embatendo se destampaõ.

Cruzando os braços , abatendo as frontes ,

Mudos s'inclinaõ Satyros , e Menades.

E rochos rios d'espumante Baccho

Crusando a praia , murmurando correm.

D'auri-rosadas nuvens rodeado ,

Serenas balançando , dos Ceos baixa

Infante augusto de risonha face.

Cinge-lhe a airofa fronte aureo diadema ,

Onde emulos do Sol brilhaõ diamantes,
 Foge ao longe a Desgraça , as negras azas
 Ligeira facodindo ,
 E atrás voltando a furto os veſgos olhos ,
 Brama raiyofa , morde-fe efumando. . . .
 Foge ó monſtro cruel dos noſſos lares ,
 Vai nas Tartareas trevas ſepultar-te.
 Contentes respirar Que novo affombro !
 Dos voadóres toneis os pandos bojos
 Dois triumphantes carros lá vomitaõ :
 E entre o eſtampido de batidas palmas ,
 Revoaõ ledos repetidos vivas.

Que vejo ! Eu ſonho ? O Luſitano Homero ,
 E o divo Coridón em carros d'oiro !
 Do Padre Baccho a par no excelſo throno
 Lá tomaõ alto aſſento ;
 E almas capellas de ſagrada vide
 Deſconhecida maõ lhes põe nas frentes.

„ Vates ſublimes , (do Tonante o Filho ,
 „ Soltando a vóz auguſta , aſſim lhes falla)
 „ Vates ſublimes , cujos nomes voaõ
 „ Sempre eternos da Fama nas trombetas ,
 „ Eſte

„ Este amavel Infante , que estais vendo
 „ Sobre rosadas nuvens levantado ,
 „ Hé d'excelsa CARLOTA e JOAÕ feisto
 „ O Filho suspirado.

„ Quando propicio o Fado ,
 „ Das furias da Desgraça em desabono ,
 „ De Lyfia o conceder ao patrio throno ,
 „ D'Ulisses desceráõ sobre a Cidade
 „ Os aureos dias da Saturnia idade ;
 „ Nutrindo o Povo a sua vigilancia
 „ No regaço da Paz , e d'Abundancia ;
 „ Unindo em si piedoso , experto , e invicto
 „ Os dotes de Trajano , Augusto, e Tito.
 „ Do grande Avô , o domador dos mares ,
 „ A quem Lyfia quizera erguer altares ,
 „ Do grande Manoel , sempre ditoso ,
 „ Há-de esquecer o nome glorioso.
 „ Entaõ verás ó Tejo as faias Lusas
 „ (Deixando o mais que humano atrevimento
 „ As Deidades maritimas confusas)
 „ Virem , prenes das joias d'Oriente ,
 „ Soberbas opprimir tua corrente.
 „ Entaõ Minerva e Themis de mãos dadas
 „ Baixaráõ das Olympicas moradas :
 „ E sentadas no throno Lusitano ,

„ Di-

,, Dictando sabias leis ao seu Sob'rano ,
 ,, Apagarão , ó Lyfia , em tua gloria
 ,, De Licurgo , e de Minos a memoria.
 ,, Cantai pois dignamente a esp'rança Lusa ,
 ,, Em quanto a mão tardia do Destino ,
 ,, Que envolve tanta dita em manto escuro ,
 ,, Portas não abre ao prospero futuro.
 ,, E vós Menades , Faunos , e Bacchantes
 ,, Levai da Lusitania a excelça gloria
 ,, Em doce canto ás plagas mais distantes :
 ,, Em quanto os cem clarins embóca a Fama ,
 ,, E dos Principes claros os louvores
 ,, Por toda a terra attonita derrama.
 ,, Ah! fiem-vos as Parcas largos dias
 ,, Dignas columnas do Affonso Imperio ;
 ,, E lucidos Planetas vossos nomes
 ,, Veja brilhar a mais remota idade ,
 ,, De Elyfia em gloria , a par da Eternidade.

Mas que avarenta mão me péfa súbito
 Com força estranha sobre os olhos ávidos !
 Confusa névoa embrulha a scena plácida.
 Por entre as sombras dança o bosque Bécchico ,
 Que incessante baralha força incógnita.
 Quer-me aos pés escapar a praia trémula.

Vér-

Vérgeão-se as pipas. Mil tambores horridos
Atroão-me à cabeça errante , e grávida.
E Bassá Bassareu fugindo rápido
Os frascos as garrafas tanto Brómio
Naõ ; frascos , e *farraffas* mas a lingua
Pega-se ás fauces , e adormeço lânguido.



M O T E.

O Tejo escuta as vozes do Mondego.

S O N E T O.

CUmprio-se a nossa esp'rança, a alta Princesa
Promette á Lyfia o Infante suspirado:
E por cem bocas leve o Monstro alado
Narra a nossa ventura á Redondeza.

A Athenas Lusa , em patrio zelo accesa ,
Solemnifa o successo afortunado ,
Em quanto em diamantino cadeado
Ruge a Desgraça lá no Averno prêsa.

Gratas canções , pelo prazer dictadas ,
Em que tem grande parte o Nume cego ,
Sobem ledas ás cerulas moradas.

E da festival noite no socego ,
Sobre as azas dos ventos transportadas ,
O Tejo escuta as vozes do Mondego.

M O T E.

Astrêa volta , volta a idade d' oiro.

S O N E T O.

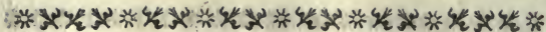
P affava a Lusitania alegres dias ,
Pelas mãos do prazer sempre fiados ,
Quando lhe davaõ patrios Reis amados
Do alto do feu throno as leis mais pias.

Porem cedendo o sceptro ás tirannias
D' estranhos Reis , por força levantados ,
Dias de ferro pela dor marcados
Vio succeder a antigas alegrías.

Em quanto d' igual sórte o medo a aterra ,
Ao vêr que a Regia Prole em feu desdoiro
Na fria campã cruel Parca encerra ,

Entaõ abre o Destino o feu thesoiro :
Patrio Infante lhe dá : com elle á terra
Astrêa volta , volta a idade d' oiro.

ODE



O D E

PINDARICA.

Ao mesmo assumpto , e recitada na mesma occasião.

*Nascetur pulchra spectatus origine Caesar
Imperium Oceano, famam qui terminet astris.*

Virg. Aeneid. Lib. I.

ESTROFE I.

SE ousado a vóz , ó Povos Lusitanos ,
Desprendo neste dia ,
Escutai minha vóz ; alta poesia
He fructo ás vezes d' immaturos annos.
As nove Irmans no berço me embaláraõ ,
E a conversar c'os Numes vivo affeito ;
Deraõ-me heroica tuba , e no audáz peito
Versi-potente fogo me ateáraõ.

ANTISTROFE I.

Mil nobres esquadrões de Dircêos hymnos
Os meus caprichos fervem ,
Quando insoffridos em minh' alma fervem

Decóros pensamentos , d' Heróes dinos :
 Entaõ ponho em grilhões o Tempo duro ;
 Fórço os mortais a respeitoso pasmo ,
 E nas azas do sacro enthusiasmo
 Vou arrombar as portas do Futuro.

E P O D O I.

Co' as sanguinosas azas affombrava
 Feróz Desgraça o Throno Lusitano ,
 E irreparavel damno
 Pelas Estygias agoas lhe jurava.

Cevando a furia brava
 Na Real Prole a Parca em seu abono ,
 Quer Lyfia condemnar a eterno fomno.

E S T R O F E II.

As vencedoras Portuguezas Quinas ,
 Que os mares dominávaõ ,
 Qu' outr'ora em Ceos remotos fusilavaõ
 Torvos Cometas , prenhes de ruínas ,
 Ao vêr que d' alta gloria decahiaõ ,
 Gloria que respeitáraõ feros annos ,
 Cheas de dor á força dos seus damnos ,
 Sob o docél do throno s' escondiaõ.

ANTISTROFE II.

Ledos em tanto os monstros fanguinosos ,
 Decantando a victoria ,
 Levantávaõ padrões á sua gloria
 Sobre os Lufos suspiros lacrimosos.
 „ Já basta de ventura : „ a Morte brada ;
 E ouvindo a sua vóz , que longe fôa ,
 Treme affustada a pallida Lisbôa ,
 Suspende o Tejo a furia arrebatada.

E P O D O II.

„ Já basta de ventura : dos teu fados
 „ Chegou , ó Lyfia , o termo derradeiro :
 „ Qual será o Guerreiro ,
 „ A cujas mãos os vejas restaurados ?
 „ Os Gamas esforçados ,
 „ Os Castros , os Pachecos vencedores
 „ Victimas foraõ já dos meus furores.

ESTROFE III.

„ Nada te resta , desgraçada , agora ;
 „ Deixa vans esperanças :
 „ Morreraõ com José tuas bonanças :
 „ Abate o orgulho , a tua perda chóra.
 „ De ti haõ de contar vindoiros annos , Len.

„ Lendo o teu nome nos annais da historia ;
 „ Que murchou o teu lustre , e a tua gloria
 „ Como a dos *Persas* , *Gregos* , e *Romanos*.

A N T I S T R O F E III.

„ Seja-te pois bastante o ter levado
 „ Teu nome á plaga Eôa ,
 „ E o vir demandar leis á alta Lisboa
 „ Da rôcha Aurora o Imperio dilatado.
 „ Se a seu pesar gemêo Neptuno ingente
 „ Sob os teus pinhos , que temia a Sôrte ,
 „ Já mais t' ha de ceder a foíce a Morte ,
 „ Como cedeu Neptuno o seu tridente. „

E P O D O III.

Bella Matrona ao templo da Ventura
 Os tardos passos triste em tanto guia ,
 E a pungente agonia
 Lhe arranca aos olhos pranto d' amargura ;
 Sólta a vóz mal segura ,
 E em quanto queima encenso em seus altares ;
 Ardentes preces manda aos mansos ares.

ESTROFE IIII.

Elyfia desgraçada Mas ó Lyra ,
 De que assumpto tratamos ?
 Lacrimosa elegia desenhamos ,
 Quando alto canto Apollo nos inspira ?
 O lenho a novos mares confiemos :
 E desprezando tumidas procellas ,
 Largando aos ventos as audazes velas ,
 O conhecido porto demandemos.

ANTISTROFE IIII.

Já sobre os aureos quicios refonando
 As portas do Futuro ,
 Do sacro Templo o penetral escuro
 A meus ávidos olhos vaõ mostrando.
 Lá rompe hum Sol estranho os véos nublados
 Dos arcanos reconditos , que encerra :
 Lá vejo altos Heróes , que á Lusa terra
 Tem destinado bemfasejos Fados.

E P O D O IIII.

Ceos ! que mimoso Infante se levanta
 Sobre doirada , nitida columna !

A Morte , e a Desfortuna
 Rugem raivofas sob a augusta planta.

Ah !

Ah ! que ventura tanta
 Bem mostra , ó Lusos Principes , vingado
 Do vosso amor o fructo desejado.

E S T R O F E V.

Venturosa Princeza , tu que fazes
 Da Lusitania a gloria ,
 Que largo campo vás abrir á historia
 No suspirado Infante , que lhe trazes !
 Erija-te padraõ agradecido
 Elysia , que a Saturno as iras dóme ;
 E võe eterno teu augusto nome
 Do Tempo sobre os ombros esculpido.

A N T I S T R O F E V.

Mas que rouco trovão rebomba horrendo
 Sobre o Templo sagrado !
 Ceos ! de brilhante esplendor cercado
 Hum venerando Rei lá vem descendo.
 As Lusas Quinas tráz no bronze duro ,
 Que escuda o vencedor braço guerreiro :
 Est' he dos Lusos Reis o Rei primeiro ,
 Dos turbantes terror , da Patria muro.

E P O D O V.

Sobre o doirado escudo debruçado ,
O tenro Infante examinando attento ,
D'alto contentamento

Tais palavras profere transportado.

„ Salve ó ramo invejado
„ Dos Lusitanos Reis , meus successores ,
„ Copia fiel dos inclitos Maiores.

E S T R O F E VI.

„ Quanto prazer ao Reino Lusitano

„ Vai a raiar contigo !

„ Tu serás dos teus povos o abrigo ,

„ Digno de ser do Mundo o Soberano.

„ Tu possuirás a chave do thesoiro ,

„ Onde a Abundancia immensos dons encerra ;

„ Será por ti ditosa a Patria terra ;

„ Renascerá contigo a Idade d' oiro.

A N T I S T R O F E VI.

„ Por ti furcando ousadas Lusas faias

„ As ondas inconstantes ,

„ Hirão do mundo ás plagas mais distantes

„ Demandar ricas , barbaras alfaias.

„ De

- „ De balde impedirão iras de Juno
 „ Livre derróta aos Nautas gloriosos ,
 „ Porque domando aos Euros procellosos ;
 „ Devaçarão os Paços de Neptuno.

E P O D O VI.

- „ Por ti sempre fieis fortes Soldados ,
 „ Aterradoras armas empunhando ,
 „ Teu nome venerando
 „ Collocarão nos Astros levantados ;
 „ E com propícios fados
 „ Os bellicosos Lufos estendartes
 „ Assombrarão do Mundo as quatro partes.

E S T R Ó F E VII.

- „ Por ti baixando á terra alma Sapiencia ;
 „ N' Athenas Lusitana
 „ Virá fundar morada soberana ,
 „ Que á antiga Athenas roube a preferencia.
 „ Mil nobres Genios erguerá teu braço ;
 „ Verás defabrochar raros talentos ;
 „ E coroando os teus contentamentos ,
 „ As Musas brincarão no teu regaço.

ANTISTROFE VII.

„ Porti d' altos Heróes prole famosa
 „ Occupará teu Solio :
 „ Quais Tito as dava lá do Capitolio ,
 „ Sabias leis te darão , Lyfia formosa.
 „ Será teu nome eterno , e a Fama errante
 „ O levará do Tejo á fóz do Nilo ,
 „ E tremerão gelados só d' ouvilo
 „ De Meça o Templo, os muros de T'rudante.,,

E P O D O VII.

Mas basta , ó Musa ; o pulso fatigado
 Mal' rege o leme do baixel vaidoso ;

Naufragio lastimoso

Nos annuncia o golfaõ dilatado.

Ferre-se o panno ousado ;

E em quanto dura prospera bonança

Vamos surgir no porto d' esperança.



M O T E.

O Ceo ha-de c'roar nossa esperança.

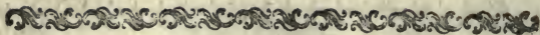
S O N E T O.

D Esfez-se em fim a rispida procella ,
Que Lyfia em negras sombras envolvia ;
E sobre as pandas azas d'alegria
Assoma bonançosa Aurora bella.

CARLOTA Augusta Infanta de Castella
Prazer eterno aos Lusos annuncia ;
Pois já do successor da Monarchia
Suspirados signais descubrem nella.

Eia pois , Lusos , hoje se publique
Da nossa fórte a prospera mudança ;
Já mais frio temor o rosto indique.

Exulta alegre , ó Casa de Bragança ;
Pois cumprindo a promessa a Affonço Henrique
O Ceo ha-de c'rsar nossa esperança.



M O T E.

De novo brôtaõ murchas esperanças.

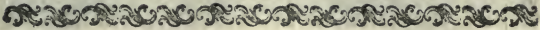
S O N E T O.

Perdido o amavel Principe , arrastava
Elyfia triste luçtuoso manto ,
E as Lufas Quinas a perpetuo pranto
Saudade irrifistivel condemnava.

Frio temor o fangue lhe gelava
Vendo apressar-se alhêo jugo tanto ;
E Successor ao throno ao Nume santo
Com maviosas preces demandava.

Move-se o Nume , e do alto Ceo envia
Do flavo Tejo sobre as ondas manfas
Genio propicio á Lufa Monarchia.

Brama a Desgraça ao vêlo , e arranca as tranças ;
E banhadas com pranto d' alegria ,
De novo brôtaõ murchas esperanças.



M O T E.

Firme esteio da Lusa Monarchia.

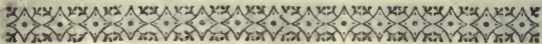
S O N E T O.

NO amor da Patria acceso , e transportado ,
Subio meu Genio ao Templo do futuro ;
E escutar livre o penetral escuro ,
Por mercê do Destino , lhe foi dado.

Alí vio tenro Infante levantado
Em 'scudo Lusitano d' aço puro.
Seu peso sustentava o Tempo duro
Sobre os robustos ombros , encurvado.

Aos pés do Infante hum livro se avistava ,
Onde pod'rosa mão , que se não via ,
Esta inscripção vaidosa debuxava.

„ Tu baixarás á terra , Infante , hum dia :
„ Serás , salvando a Patria quasi escrava ,
„ *Firme esteio da Lusa Monarchia.*



M O T E.

Encerra agosto seio alto thesoiro.

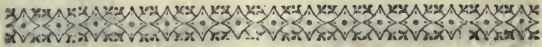
S O N E T O.

M Onstro cruel , Desgraça sanguinosa ,
Que eterno lucto aos Lusos protestavas ,
Esse agudo punhal , que féra alçavas ,
No duro peito embebe de raivosa.

Abrio-se em nosso abono a mão pod'rosa
Que enfrêa os ventos , e as procellas bravas ,
E baldando os defastres , que forjavas ,
Enchuga o pranto a Lyfia pefarosa.

Nos nossos Orifontes já não pia
Gralha funesta de funesto agoiro ,
Nem véla negra sombra a face ao dia.

CARLOTA nos promete a idade d' oiro ,
E em penhor d' alta gloria que annuncia ,
Encerra agosto seio alto thesoiro.



M O T E.

Nasceo nos braços das rissonhas Graças.

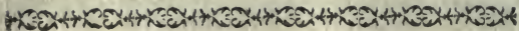
S O N E T O.

Quantas ditas os Vates fabuláraõ
Da bella, mas sonhada, idade d' oiro,
Os Fados, franqueando o seu thesoiro,
Na Princeza da Beira nos preparaõ.

Os campos, que atégora só brotáraõ
Tristes abrolhos, fructo de desdoiro,
Seja no Vouga, ou Lima, ou Tejo, ou Doiro,
Premiaráõ os Colonos, que os lavráraõ.

Lufas faias de climas affastados
Viráõ, calcando p'rigos, e desgraças,
Fazer os patrios lares abastados.

Estas as ditas, Ceo, que tu nos traças
N' alta Princeza, que com ledos Fados
Nasceo nos braços das rissonhas Graças.



M O T E.

He sem igual o gosto , que sentimos.

S O N E T O.

EM quanto as azas bate a Paz serena ,
E ao som de mil pelouros desparados ,
Vai fugindo dos campos desgraçados ,
Que tinto em fangue já retalha o Sena.

Em quanto falso zelo á França ordena
Que deixe os patrios lares devastados ,
Erguendo sobre corpos lacerados
A' Discordia troféos , que excitaõ pena.

Em quanto em fim a horrida anarchia
Subindo ao throno , em que os Burbões já vi-
A carnajem fomenta , e a rebeldia. (mos ,

Nós as nossas venturas applaudimos ;
Porque ao vêr firme a Lufa Monarchia ,
He sem igual o gosto , que sentimos.

O D E
P I N D A R I C A .

*Ao faustissimo Nascimento de S. A. REAL ;
a Serenissima S. Princeza da Beira , reci-
tada em huma das Noites das Festas
Reais na Cidade do Porto.*

*Peuples , voici le premier gage
Des biens qui vous sont préparés ;
Cet enfant est l' heureux présage
Du repos que vous desirez.*

Rouffeau Od. a la naissance du
Duc de Bretagne.

E S T R O F E I .

Divina lyra que , mercê d' Apollo ,
As magestosas vélas desfraldando ,
Levas de pólo a pólo
D' altos Heróes o nome venerando ;
Que á testa dos meus hymnos ,
Que os ares crusaõ , nocti-vágos lumes ,
Vás despertar n' Olimpo os sacros Numes.

A N-

ANTISTROFE I.

O Patrio zelo o pede , eia , surquemos
Com defusado arrojio ignotos mares.

Naõ temas , que infamemos
Com nosso nome inhospitos lugares ;

Fiquem pallidos sustos
A trepido Piloto , que se gela
Ao vêr de longe as costas da procella.

E P O D O I.

Genios humildes , que taxais d' infano

Meu nobre atrevimento ,
A' calumnia soltai embora o panno ;
Ave nocturna , ás trevas costumada ,
Sempre maldisse a luz da madrugada.

E S T R O F E II.

Entre mil nuvens de devoto encenso ,

Aos Ceos subiraõ votos Lusitanos ,

E Jupiter immenso

Arrojou longe os eminentes damnos.

Viçoso novedio

Bróta prestes do tronco de Bragança ,

Roubando ás mãos da Parca a Lusa esp'rança.

ANTISTROFE II.

Novo esplendor reveste o Luso throno ,
 Que já quasi gemia n' orfandade ,
 Desfeita em seu abono
 A tenebrosa nuvem da faudade.

E as Lusitanas Quinas ,
 Entre festiva , bellica armonia ,
 Beijão a mão á Neta de Maria.

E P O D O II.

Alça risonha a testa torreada
 Elysia vencedora ,
 De mil vistosos fogos adornada ;
 Porque emulando raios ás estrellas
 Quer sua Princeza colocar entr' ellas.

ESTROFE III.

As candidas virtudes , que adornavaõ
 O peito augusto da immortal Maria ,
 Que altas leis lhe dictavaõ ,
 Quando as redeas do Imperio dirigia ,
 Lh' inspiraõ desveladas ,
 Voando sempre em torno do seu berço ,
 Dons propios a reger todo o Universo.

ANTISTROFE III.

Das taciturnas campas levantando
 Os Lusos Reis as magestosas frentes ,
 A Neta contemplando ,
 Os Ceos bem-dizem , chóraõ de contentes ;
 E logo de mãos dadas
 Se felicitaõ da sublime gloria ,
 De nella eterna vêr sua memoria.

E P O D O III.

Affonso , o grande Pai da Monarchia ,
 Açoite dos turbantes ,
 Affonso mais que todos se gloria ;
 Pois nella o Ceo lhe mostra satisfeitas
 Tantas proméssas em Ourique feitas.

E S T R O F E IIII.

Já d' ante-mão o Monstro omni-vagante ,
 Há muito ao Luso Imperio affeiçoado ,
 Sobre Elysia triunfante
 Os cem clarins ensaia ao grande brado ;
 E auri-soberbos bustos
 No Templo da Memoria lhe destina
 A pár d' huma Isabel , d' huma Cath'rina.

ANTISTROFE IIII.

Ah ! quaõ pafmosa parte em feus louvores
 Te naõ deftina , alto JOAÕ , a Fama ,
 Que ao lustre dos Maiores
 Unes dignas acções d' eterna rama !
 O Reino , que te adora ,
 Ver em ti , caro Principe , accredita
 Astro prefago de perenne dita.

E P O D O IIII.

Profegue pois na róta começada ,
 E palmas enfeichando ,
 Da Gloria a largo passo avança a estrada :
 Serás , se naõ m' illude quem m' inspira ,
 Inda affumpto immortal d' immortal lyra.

E S T R O F E V.

Mas quem me chama ! Esforfo mais que
 Da miseravel terra m' arreбата (humano
 Já c'o a mão toco ufano
 O volumoso Luminar de prata.
 Novos Sões , novos Mundos
 Lá deixo aos pés ; e em nuvens envolvido ,
 Calco estrellas , d' hum Numen conduzido.

1856

⇒(130)⇐

ANTISTROFE V.

Ceos, que immenso edificio portentoso
Se m' apresenta aos olhos cubiçosos !

Salve alcaçar famoso ,
Que encerras os futuros tenebrosos.

Silencio respeitavel !

Guarda o Segredo as portas chapeadas ,
Com triplices cadeas ferrolhadas.

E P O D O V.

„ Dá-me, que eu possa, ó Numen, que me guias,

„ Profundar os arcanos

„ Do Destino , que rege as Monarchias. „

Mas lá subito as portas se franqueaõ ,

E o penetral do Templo patenteaõ.

ESTROFE VI.

Bem vejo , ó Luso Genio , lá m' apontas
Respeitavel painel do Reino Luso.

Ah ! que successos contas ,

Que affombra avara mão com véo confuso !

Eu vejo 'Alta Princefa ,

Por Minerva , e por Themis educada ,

Sentar sobre o seu throno a Paz doirada.

A N-

1856

ANTISTROFE VI.

Quantas riquezas próvida Amalthea
 Vai dos vasos doirados entornando!
 Rebenta larga vèa
 De leite , e mel , das rochas burbulhando.
 Abrolhaõ fecos troncos :
 Vestem-se os campos do matíz das flores :
 Paga a terra o suór dos Lavradores.

E P O D O VI.

Aqui Justiça abraça a Segurança ,
 E á sombra se reclinaõ
 Do magestoso tronco de Bragança :
 Alí já no silencio das batalhas
 Brincaõ meninos com arnezes , malhas.

E S T R O F E VII.

Sentado ufano em throno cristalino ,
 De verdes espadanas coroado ,
 Alça o rosto divino
 O Tejo , d' alvas Ninfas rodeado ;
 E os bravosos Neptunos ,
 Que as plagas regem , onde nasce o dia ,
 Os pés lhe beijãõ chêos d' alegria.

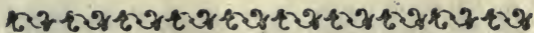
ANTISTROFE VII.

Vejo d' aqui as costas insoffridas
 Curvar Neptuno ás Lusitanas faias ,
 Que dos Ceos protegidas ,
 Deixaõ , levando a véla , as Patrias praias.
 Lá dobraõ novos cabos ,
 Lá vaõ , furcando o pelago profundo ,
 Novo Mundo. juntar ao Luso Mundo.

E P O D O VII.

D' alí vejo mas , lyra , aonde aonde
 Velejas atrevida
 Se he vasto o mar, e o Norte se t' esconde ?
 Afferra o porto pois , envérga o panno :
 Deixa a Náos alterofas o Occeano.





S O N E T O.

CUmprio-se em fim a lisongeira esp'rança
De que o nosso prazer só dependia.
Exultai Póvos ; já chegou o dia ,
Grato annuncio de prospera bonança.

Brotou fecundo o tronco de Bragança
Fruçto propicio á Lusã Monarchia ,
Appetecido fruçto , que annuncia
Socego ao Povo , ao throno segurança.

A fronte cinge pois d' herã , e de loiro ,
Porto fiel ; celebra a Lusã gloria :
Nãõ leve a primasia o Tejo ao Doiro.

Faça o teu zelo epoca na historia ,
Eterna entãõ verás em letras d' oiro ,
Por fiel aos teus Reis , tua memoria.



M O T E.

Das virtudes reais a successora.

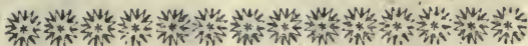
S O N E T O.

EM quanto sobre os muros d' Uliffêa
Viftoso fogo as trevas affrontava ,
E a nascida Princefa celebrava
Elyfia de prazer , de gloria chêa ,

De Ninfas entre placida chorêa
O Tejo as crespas agoas paffeava :
E estas vozes contente ao ár soltava
A' força do prazer , em que s' enlêa.

„ Exulta , ó Lyfia , pois com seus favores
„ A tua sorte grato o Ceo melhora ,
„ Alta Princefa dando aos teus clamores,

„ Ella ferá do thrôno a fiadora ,
„ Herdeira d' alta gloria dos Maiores ,
„ *Das virtudes reais a successora.*



O D E

A' MORTE

D E L U I Z X V I

R E I D E F R A N Ç A .

..... *Eene abud memores veteris stat gratia facti ?*

Virg. *Encid.* Liv. 4, v. 498.

Suspendei , suspendei , monstros infrenes ,
Os sacrilegos ferros.

He vosso Rei : hum titulo-sagrado
De LUIZ pela vida alto vos clama.

He tempo , he tempo ainda ,
Poupai-vos ao desar de parricidas :
Baste a faltar-vos a sedenta raiva
Tanto sangue innocente , e tanto estrago.

§.

Mas Ceos ! horror Ah barbaros , pudestes
Descarregar os golpes ?

Misera Esposa , desgraçado Filho ,
LUIZ , o Pai , o Esposo , ja não vive.

Da cortada cabeça

Rebenta o fangue em borbotões fumando ;
E treme nelle envolto o Regio corpo
Dos Algozes aos pés no çadafalso.

§.

Que mais vos resta , feras sanguinosas ,
Que mais vos resta agora ?
Contra os Numes voltai os impios ferros ,
Que a terra vos não dá já campo a crimes.
E vós torres soberbas ,
D'horroroso attentado testemunhas ,
Porque sobre effes monstros alagadas ,
Vingando os Ceos , e o Throno , não cahistes ?

§.

Ah cega França , Povo detestavel ,
Não eras tu que out'ora
Teu Pai ao morto Principe chamavas ?
Não viste com affombro ao feu acceno (a)

As

(a) Ninguem se persuadirá, que Mr. Lally de Tolendal, emprehendendo a defêza de Luiz XVI perante a Convenção, houvesse de allegar factos mentirosos : eis aqui as palavras de que elle se serve logo no principio do proemio do seu discurso. „ Ce Roi, „ qui n'avoit qu'un mot a proférer pour qu'une marine fortit „ toute

As Artes levantadas :

Os, desprefados campos florescerem :
 Abertas do Commercio as aureas vêas :
 De Náos pujantes carregado o Sena ?

§.

Inda há pouco nos Porticos soberbos ,
 Em seu louvor traçadas ,
 Mil inscripções honrosas s' avistavaõ.
 Inda resôaõ nas patentes Praças (b)
 Os festivaes clamores ,
 Que do teu Rei em gloria desprendias ,
 Quando livre do pêso dos tributos , (c)
 A' fombra do seu braço descançavas.

§.

„ toute entière du neant ; pour que trois mers se joignif-
 „ sent ; pour que des canaux allassent par tout enrichir l' agri-
 „ culture , & aggrandir le Commerce le voilà enseveli dans
 „ un cachot. „

(b) „ *Son nom* etoit melè dans les temples aux invocations fa-
 „ creès , dans les fetes aux chants d' allégresse &c. *Mr. de Lally*
 „ *cit. loc.* „

(c) „ Il supprime la main morte dans ses domaines , & son
 „ exemple entraine un grand nombre de propriétaires á l' imiter. „
 São ainda palavras de Mr. de Lally, alem d'outras muitas, que
 poderja transcrever da primeira parte do seu discurso.

§.

O throno vacillava. Entre cadêas
 Subia ao cadafalso,
 Consternado o seu Povo, hum Rei Britanno.
 Mandava a força, quem podia oppor-se?
 Como salvar a Carlos?
 Mas applaudiste a barbara cruêza? (d)
 O que entãõ era crime na Britannia
 Mudou de natureza, e he bom na Gallia?

§.

Trajando horrenda Furia fantas vestes,
 Sobre os degrãos do throno,
 Derriba o sceptro, calca o diadema.
 Mal entendida, cega liberdade

Pro-

(d) Que os Francezes clamassẽm contra a morte de Carlos I. Rei d' Inglaterra, se colhe d' infinitos A.A. seus: baste por todos, o que se lê na Encyclopædia Methodica na palavra Cromwell,, Faire juger un Roi par un tribunal incompetant,, et par ses ennemis, par des gens determineés á le condamner,, ce n'est que l'assassiner avec plus d' insolence, & de scandale., E pouco mais acima,, C'est sur-tout pour avoir donné ce spe-,, ctacle unique dans ses annales du monde, d' un Roi traîné á,, l'echafaut par ses sujets, que le nom de Cromwell será tou-,, jours en horreur.,

Propondo-te por Numen ,
 Seu culto em leis de fangue te prescreve.
 Abre os olhos , ó França , quem te rege
 Vê , que a razão não he , mas a Anarchia.

§.

Quem podêres te deu para julgares ,
 (Se LUIZ foi culpado)
 Hum Réo , que o Ceo propôz para regerte ?
 Juiz o Accusador ! qual lei o approva ? (e)
 Se púnes beneficios ,
 Quem , Nação revoltosa , quem premêas ?
 A liberdade compra-se por crimes ?
 São estes , Razão fanta , os teus dictames ?

§.

„ A morte não me affombra : dos Maiores
 „ Herdei o seu desprezo :
 „ Ao cadafalso vamos , Povo ingrato .
 „ Mas se o meu fangue he digno sacrificio ,
 „ Por elle ó Ceos piedosos
 „ Restitui-lhe a páz , que alegre morro.

E

(e) Veja-se Mr. Lally *cit. loc.* á pergunta „ LOUIZ XVI peut-
 „ il etre accusé ? Pouvez-vous etre ses Juges ? „

E he este , ó França , o Despota tiranno ,
Que em patibulo infame affassinaste ?

§.

Illustre Tolendal , soffrer pudeste

O horroroso attentado ?

As forças da eloquencia , e da verdade

Da Montanha os Dragões não moveriaõ ?

Mas ah que em vão tentaste (f)

LUIZ roubar-lhe ás garras fanguinófas !

Temeraõ da razaõ ser convencidos :

Com mão traidora a vóz te suffocáraõ.

§.

Grato com tudo foste ao teu Monarcha : (g)

Se a vida não pudeste ,

Pura salvaste ao menos sua fama.

Aos seculos vindoiros transmittido

Há de ser teu discurso ,

Não menos testemunho do teu zelo ,

Do

(f) Por duas vezes s' esforçou Mr. de Lally para que lhe permittissem o defender LUIZ XVI , mas sempre em vão.

(g) A poucos não seria manifesta a grande estimação que LUIZ , e sua Esposa faziaõ do Conde de Lally Tolendal.

Do que eterno padraõ do despotismo
D' hum Povo ingrato , que lh' infame o nome.

§.

Porem que vejo! Oh Ceos! inda outra victima!....

Corre , ó JOSE segundo :

Deixa o sepulchro , vem salvar teu sangue.

Já basta d' indolencia : ó Ceos vingai-a :

Vingai a Esposa triste

Do Rei mais desgraçado : o trovaõ fõe ;

Desfaçaõ-se em coriscos as estrellas ,

Que os barbaros Reicidas despedacem.

§.

Mas naõ tarda a vingança ; lá s'aprestaõ

Falanges vencedoras ,

Jurando a ferro e fogo os seus estragos.

Tremei , tremei rebeldes , já resõa

Nos eccos das montanhas

Das prenhes bombas o estampido horrendo ;

E alçando a foice a Morte enfurecida ,

O derradeiro golpe vos prepara.

§.

Jázem por terra os flanqueados muros ,
 Que ufanos blasonavaõ
 D' impor barreiras á torrente rapida.
 Milhares huns sobre outros s' amontôaõ
 De retalhados corpos ,
 E alagados de sangue os Frisões bravos ,
 A Guerra tala as miseras campanhas ,
 Ao crebro fuzilar dos bronzes roucos.

§.

O Ceo vingá os ultrajes d' innocencia.
 Cêdo verás , ó Gallia ,
 Quaõ cega contra ti armas seu braço.
 Sem nome jazerás entre as ruínas ,
 Bem como jáz Carthago ;
 E apenas poderáõ nossos vindoiros ,
 Indigitando ao longe os rasos campos ,
 Dizer chêos d' horror : „ Alí foi Gallia.

F I M.



*Pag. 54 , vers. 2 , onde se lê Mundando-me
lea-se Mudando-me.*

THE UNIVERSITY OF CHICAGO
LIBRARY



Suspendes otes furor Regre inhuman



